



HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Olhares de quem educa o outro e a si mesmo

**CADERNOS DE
EDUCAÇÃO EMOCIONAL**

JEFFERSON DA SILVA PIA

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

Libellus
Editorial

PROVE[®]
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL:

**OLHARES DE QUEM EDUCA O OUTRO
E A SI MESMO**

JEFFERSON DA SILVA PIA

HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL:

**OLHARES DE QUEM EDUCA O OUTRO
E A SI MESMO**



João Pessoa, 2026

Conselho Editorial

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
Elisa Gonsalves Possebon (UFPB)
Fabricio Possebon (UFPB)
Fátima Sousa Lima (UFOPA)
Fernando Pita (UERJ)
Francisco Pegado Abílio (UFPB)
Luiz Gonzaga Gonçalves (UFPB)
Telmo Adams (UNISINOS)
Ricardo Lucena (UFPB)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Catalogação na fonte – Libellus Editorial

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

P855

Pia, Jefferson da Silva

HUMANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO EMOCIONAL: olhares de quem educa o
outro e a si mesmo / João Pessoa: Libellus Editorial, 2026.

78 p.; 21 cm x 29,7 cm

Bibliografia
ISBN 978-65-5264-082-6

1. Educação 2. Emoções I. Título II. Série

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – 370

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão escrita da editora.

*À minha mãe, Regineide Maria, por me apoiar e por sempre
estar ao meu lado em todos os momentos.*

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazerse se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1. MEMÓRIAS E DESCOBERTAS.....	06
1.1 A construção da questão da pesquisa	09
1.2 O desenho teórico-metodológico da pesquisa	20
1.3 Sobre o município de Queimadas/PB.....	29
2. EDUCAÇÃO POPULAR E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO	31
2.1 Educação do Campo e a Educação Popular	37
2.2 Educação Emocional.....	46
3. DIÁLOGOS COM DADOS EMPÍRICOS.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS	73
SOBRE O AUTOR.....	77

1. MEMÓRIAS E DESCOBERTAS

Este capítulo tem o intuito de explanar o campo de averiguação da pesquisa¹. Com isso, emerge o tema “Humanização e educação emocional: olhares de quem educa o outro e a si mesmo”. Para tanto, começo as reflexões descrevendo a minha trajetória pessoal e acadêmica, com a intenção de mostrar como aconteceu o meu encontro com o tema pesquisado.

Nasci no ano de 1987, na cidade de João Pessoa, na Paraíba - PB, onde resido até os dias atuais. Sou de uma família de classe média baixa, sendo criado por minha mãe, Regineide Maria Silva da Pia, e meu pai, Antônio João da Pia. Tenho uma irmã que se chama Juliana. Minha mãe trabalhou, durante toda a minha infância, como empregada domestica, e meu pai, como pedreiro. Atualmente, ela está desempregada e meu pai continua trabalhando como mestre de obras. Minha irmã está cursando Fisioterapia na faculdade Mauricio de Nassau, é casada e tem dois filhos.

Eu passei a maior parte da minha infância com a minha avó, Maria Augusta, já que meus pais estavam trabalhando o dia todo. Essa família me ensinou desde cedo que o amor, o respeito ao próximo e a honestidade são o ponto de partida para qualquer coisa que você venha a fazer. Com isso, aprendi a importância de ajudar o outro sem esperar nada em troca.

Estudei a vida toda em escola pública, pois meus pais não tinham condições de me manter em uma escola particular. Com isso, aprendi que se deve dar importância à educação. Estudar em escola pública me trouxe a oportunidade de me dedicar ao ensino com mais afinco, tendo em vista as dificuldades apresentadas na escola, tais como falta de material didático, falta de merenda e, por vezes, falta de professor. O ensino público tem suas dificuldades, mas, apesar delas, é possível aprender diante de todas as adversidades, tendo o professor como facilitador para alcançar o conhecimento necessário e, assim, construir sua autonomia crítica.

Cresci com a presença dos meus primos, sendo doze no total. A diversão era garantida, mesmo que, por vezes, custassem umas palmadas. Fui um adolescente com muitos amigos, mas sempre me atentei para os estudos e aos momentos em que estava com a minha família, algo que para mim é essencial, pois acredito que ela é à base de tudo.

¹ Este livro tem como base a Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-CE-UFPB), sob a orientação da Profa. Dra. Elisa Pereira Gonsalves Possebon.

Em 2005, com 18 anos, concluí o Ensino Médio e apenas em 2011, quando já tinha 24 anos, ingressei na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, para fazer o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Neste intervalo de tempo, entre os 18 e os 24 anos, eu percebi que, sem uma formação específica, não conseguiria realizar alguns dos objetivos que podiam parecer simples, mas que faziam toda a diferença. Ter uma moradia própria, ajudar financeiramente a minha mãe que sempre trabalhou para conseguir dar uma melhor condição de vida para os filhos, poder fazer uma viagem e até mesmo ter uma consciência crítica das coisas que acontecem na nossa sociedade; essas questões são possíveis quando você tem certo conhecimento.

Desde o início, minha intenção era trocar de curso, pois tinha a intenção de fazer Administração. Até então, para mim, Pedagogia era apenas para dar aulas a crianças. Com o passar do tempo/das aulas, eu me apaixonei pelo curso ao perceber que ele prepara para a vida de uma forma geral, já que as disciplinas são voltadas para a formação humana, oferecendo suporte para a vida toda.

A pedagogia tem diversas áreas de conhecimento, que propiciam o desenvolvimento dos agentes que estão inseridos no processo, por meio de metodologias e diferentes visões. Para Libâneo (2001), as práticas educativas não são exclusivas à escola ou à família, acontecem em todos os contextos e âmbitos da vida humana, seja ela social ou individual, de modo institucionalizado ou não.

Pedagogia é, então, o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sociais. Não há sociedade sem práticas educativas. Pedagogia diz respeito a uma reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo. Ou seja, ela não se refere apenas às práticas escolares, mas a um imenso conjunto de outras práticas. O campo educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola (LIBÂNEO, 2001, p.6).

Durante o curso, busquei aproveitar cada momento de aprendizagem durante o meu percurso, no qual tive aprendizagens significativas para a minha vida. E, assim, no segundo período do curso, na disciplina Educação e Diversidade Cultural, tive o primeiro contato com a Prof.^a Dr.^a Elisa Gonsalves. No período seguinte, também cursei Pesquisa em Educação. Ao término da disciplina, ainda em 2013, mais precisamente no começo

do ano, eu comecei a fazer parte do Grupo de Pesquisa em Educação Emocional – GRUPEE, este que é vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/UFPB), coordenado pela professora citada, a qual me convidou para fazer parte do referido grupo. Refletir sobre esse encontro me faz pensar no primeiro contato que tive com a Educação Emocional, por meio do contato com teóricos que trazem a tona esta discussão, a qual me proporcionou entender melhor a construção da conscientização humana.

No primeiro semestre do ano de 2013, participei do Programa de Melhoria da Educação Básica – PROMEB/UFPB, programa de estágio da Universidade Federal da Paraíba, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, que tem por objetivo contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. Foi quando tive meu primeiro contato com a área de organização e da formação dos professores, direcionando o meu olhar para a questão do processo de Humanização dentro da sala de aula, na Escola Estadual de 1º e 2º graus Papa Paulo VI, situada no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa. Também foi nesse período que participei da semana cultural direcionada a Paulo Freire, com os alunos apresentando trabalhos direcionados à vida e à obra do referido autor. Dentre as apresentações, uma me chamou a atenção: a que fazia referência à amorosidade no método de ensino, evidenciando como podemos ser mais humanos em relação ao contato com o outro, fazendo-me perceber como é importante o trabalho humanizador, o olhar com respeito, atenção e cuidado ao aluno que busca, na sua formação, obter conhecimento que o torne crítico. Com isso, volto o meu olhar para a questão do processo humanizador dentro da sala de aula.

No GRUPEE, comecei a participar do Programa de Licenciaturas- PROLICEN, também orientado pela professora Elisa Gonsalves. Nele, fui bolsista do projeto intitulado “Perfil Emocional dos Integrantes de Extensão: Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família”, em 2014. No ano seguinte, fui bolsista do Projeto de Extensão intitulado “Escola que Protege: enfrentando a violência no ambiente escolar e promovendo direitos de crianças e adolescentes – Extensão – EaD”.

Com a participação no referido grupo, começo a ter uma noção de como realizar um trabalho científico para ser apresentado em eventos, como escrever artigos e como me portar em algumas situações. Com isso, participei da elaboração de alguns trabalhos acadêmicos, tais como “Educação, Corpo Consciente e Emoções: tecendo fios de inter-relação”, apresentado no XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, no ano de 2014, no Rio Grande do Norte – RN, bem como a apresentação do artigo “Currículo e Educação Emocional” no VIII Seminário Regional de Política e

Administração da Educação do Nordeste, em 2014, na Bahia - BH. Ainda participei da construção de um livro, intitulado “O Livro das Emoções”, sendo este publicado pela Editora CRV, em 2015. Foram 3 artigos, com os títulos: “Possessividade: quero tudo que está a minha volta”, “Vingança: reação involuntária ou premeditada?” e “Felicidade: o bem-estar subjetivo”.

Em junho de 2016, concluí a graduação, fazendo, em seguida, a seleção do mestrado em educação na UFPB. Fui aprovado em Setembro do mesmo ano. Em março de 2017, comecei a minha jornada no Mestrado em educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Paraíba, com a pesquisa voltada para a Humanização e Educação Emocional: olhares de quem educa o outro e a si mesmo, em que o conceito de humanização é peça chave para tal.

Para mim, falar da educação emocional como meio para se chegar a uma educação mais humanizada que olha e busca compreender o aluno como um todo é falar sobre a superação das dificuldades encontradas durante toda a vida escolar, é falar sobre os questionamentos e os anseios para ter uma educação voltada para a conscientização do ser.

1.1 A construção da questão da pesquisa

A pesquisa começa a ser pensada através do meu percurso acadêmico, por questionamentos que se iniciam a partir das experiências que tive enquanto aluno do curso de Pedagogia, a partir da participação do PROMEB, no qual fiz o meu estágio na Escola Estadual de 1º e 2º graus Papa Paulo VI. Nesta escola, eu pude participar da semana Paulo Freire, dedicada exclusivamente ao trabalho do referido autor, em que os discentes puderam conhecer um pouco mais desse grande pensador da educação. A partir desse momento, eu começo a minha inquietação em relação ao processo de humanização dos sujeitos que estão inseridos no contexto escolar. O problema de pesquisa surge de indagações e acontecimentos no qual estamos envolvidos, sendo estes de produções ou de debates acadêmicos, e que nos permite construir ou reconstruir conhecimentos, princípios e conceitos acerca dos estudos realizados da bibliografia existente e sobre nossas inquietações, e que se refere ao modelo de sociedade que almejamos construir, em busca de uma sociedade mais justa e que disponha das melhores condições para todos, enquanto cidadãos, com todos os seus direitos e deveres, fomentando a criticidade (LEITÃO apud TEIXEIRA, 2015).

Nas palavras de Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2011, p. 30-31).

Depois desse momento, direciono o olhar para as práticas que são elaboradas nas escolas: como fazer para instigar as escolas a usar métodos que favorecem a humanização? O modo que estão trabalhando os conteúdos na sala de aula colabora para que os discentes consigam ter uma criticidade sobre os fatos que estão acontecendo na sociedade? Como auxiliar os discentes para que eles possam fazer uma reflexão sobre a sua condição social e com isso gerar a vontade de mudança?

Os referenciais freireanos trazem suporte para fundamentar a prática pedagógica tendo como norte a humanização dos estudantes e com a contribuição dos autores. Constatando este pressuposto, temos os estudos de Freire (1987) e (2011), Gonsalves (2015), Possebon (2017), Damásio (2013), como também o levantamento dos trabalhos acadêmicos em coerência com o objeto de pesquisa. Busco apresentar um processo educativo que visa humanizar os profissionais, assim poder realizar o processo de humanização no ambiente escolar, tendo como norte esta prática no processo de formação desses sujeitos.

Com o intuito de conhecer as discussões existentes acerca da humanização, realizou-se inicialmente um levantamento dos estudos existentes sobre o tema, utilizando como campo de busca a Biblioteca Digital Domínio Público. No momento da pesquisa não foram encontrados trabalhos relacionados ao tema na base de dados da Universidade Federal da Paraíba. A busca foi realizada entre os anos de 2006 até o ano de 2010, até o momento da busca não foram encontrados trabalhos apresentados nos últimos 5 anos, foi considera a área de educação, empregando como descritor a palavra humanização, por considerar este o conceito teórico fundamental da pesquisa.

Dos resultados obtidos, foram encontrados no momento da pesquisa nove trabalhos entre dissertações e teses na área de educação com relação à humanização, palavra chave que foi utilizada para realizar a pesquisa. Os trabalhos localizados podem ser observados no quadro abaixo:

Quadro 1 – Teses e dissertações sobre Humanização na área de Educação

TESES		
TÍTULO	AUTOR/AUTORA	ANO/INSTITUIÇÃO
A ordem da ‘humanização do parto na educação da vida	Mariene Jaeger Riffel	2005/Universidade Federal do Rio Grande do Sul
“Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora”.	Keila de Mello Targas	2009/Universidade Federal de São Carlos
DISSERTAÇÕES		
A bioética na formação do profissional enfermeiro: contribuições para um cuidado mais humanizado	Marlene Harger Zimmermann	2006/Pontifícia Universidade Católica do Paraná
A formação política dos professores no programa rede Uneb 2000	Joselito Manoel de Jesus	2005/Universidade do Estado da Bahia
Afetividade na formação docente: a relação professor-aluno como processo humanizador	Edina Fialho Machado	2007/Universidade do Estado do Pará
As tecnologias de informação e comunicação e a aprendizagem de educadores no dever da complexidade	Claudia Eliza de Campos Nunes	2010/Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC
Educação física para humanização da educação profissional e tecnológica: um estudo no RS	Marcia Rejane Julio Costa	2009/Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC
O currículo dos cursos de graduação em fisioterapia: a dimensão humana em análise	Nara Rosilei Corrêa de Oliveira	2009/Universidade do Vale do Itajaí
Utilização de software no processo de humanização em unidade hospitalar	Helder Pamplona de Moura e Silva	2007/Fundação Edson Queiroz Universidade de Fortaleza

Fonte: Elaborado pelo autor.

Mediante o resultado alcançado dentre os nove trabalhos, cada um deles trata da humanização com um foco diferente. Os dois trabalhos de tese encontrados apresentam as temáticas: humanização no trabalho de parto; humanização através de Canções, diálogos e educação, visando à prática educativa mais humanizada. Outro dado a ser observado é que, dentre os trabalhos localizados com a temática da humanização, um é da região Sudeste e outro é da região Sul.

Dos sete trabalhos de dissertações, temos as seguintes temáticas: dois tratam da formação do professor, um trata da formação do profissional em enfermagem, os três com foco na formação humanizadora, dois trazem o uso da tecnologia para alcançar tal feito, um faz uma análise do currículo com dimensão na formação humana e o ultimo fala da educação física para humanizar a educação profissional e tecnológica. Faz-se necessário destacar que dos sete trabalhos encontrados com o tema humanização na área da Educação, quatro da região Sul, dois da região Nordeste e um da região Norte.

Dos trabalhos encontrados, dentre eles teses e dissertações que estão na base de dados, todas apresentam uma temática próxima à estudada. O primeiro trabalho é uma dissertação de mestrado, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, no Programa de Pós Graduação em Educação, no ano de 2006, que tem como autora Marlene Harger Zimmermann e é intitulada “A bioética na formação do profissional enfermeiro: contribuições para um cuidado mais humanizado”.

A dissertação apresentada por Zimmermann (2006) busca apresentar reflexões sobre a formação profissional do enfermeiro, fazendo referência à humanização dos cuidados realizados pelo mesmo. Revisitando a história da Enfermagem, com um olhar apreensivo das condições objetivas de trabalho.

Fazendo opção pelo método histórico-dialético, numa abordagem qualitativa, sendo os sujeitos professores e alunos que estão inseridos nesse contexto social. O método histórico-dialético possibilita uma crítica às questões intrínsecas da profissão de Enfermagem, pois ela está articulada com a totalidade das realidades sociais, econômicas e políticas (ZIMMERMANN, 2006 p. 73).

Sobre a coleta de dados, utilizou como instrumento a técnica do Grupo Focal (GF), em que entrevista e observação estão inseridas. A autora afirma que fez uso dessa técnica tendo em vista que as abordagens qualitativas em pesquisa social e na área da saúde estão sendo cada vez mais utilizadas (ZIMMERMANN, 2006). A autora percebe que a humanização vem antes da academia, com início na família. A escola tem o papel de “aprimorar” o aprendizado que a família ofereceu. Tendo o objetivo de analisar a Bioética no currículo do curso de Enfermagem, averiguando a contribuição desta para a formação do profissional Enfermeiro em um cuidado humanizado. Enfatiza que as reflexões durante a construção permitiu fazer algumas exposições sobre o seu objeto de estudo. A contribuição da bioética na formação do profissional enfermeiro em um cuidado humanizado, como também sobre aspectos referentes ao processo de formação deste profissional (ZIMMERMANN, 2006).

A pesquisa evidencia que a humanização é um tanto quanto complexa na sua execução tanto quanto na sua definição. Precisando que tenha um envolvimento de todos. Nessa formação, o processo humanizador foi evidenciado como um ponto preocupante. Demonstrando que essa preocupação passa pelo currículo da Enfermagem, indo além dos aspectos pessoais que antecedem à formação (ZIMMERMANN, 2006). Uma formação que visa transformar o indivíduo em um ser mais humanizado é uma formação que privilegia a constituição do ser por completo, a educação humanizadora parte do princípio

de ser mais, mais autônomo, mais crítico, mais confiante e questionar mais as coisas postas pela sociedade e na sociedade. Assim podemos superar a barreira da exclusão, uma barreira que minimiza o papel dos seres humanos no mundo.

A dissertação de Jesus (2005), intitulada “A formação política dos professores no programa REDE UNEB 2000”, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – UNEB, na Universidade do Estado da Bahia, no ano de 2005, busca identificar qual o tipo de professor que atua nas séries iniciais do ensino fundamental do Programa Rede UNEB 2000, partindo da fala dos professores.

Como procedimento metodológico, usa o estudo de caso comparativo, em que o autor compara duas realidades: uma que tem relação com os professores de escolas públicas municipais, concursados pela Prefeitura da cidade de Dias D’Ávila e a outra partindo da realidade das escolas comunitárias da periferia de Salvador, perceber qual o tipo de professor que atua nas séries iniciais do ensino fundamental o Programa Rede UNEB 2000 está formando: O Tecnólogo do Ensino ou o Agente Social (JESUS, 2005).

Com o objetivo de identificar o que tem de igual e o que é específico para as professoras-alunas com relação às práticas educativas. Foi estudado o Curso Rede UNEB 2000, realizado em convênio com o Projeto Ágata Esmeralda, e o Curso Rede UNEB 2000, realizado em convênio com a Prefeitura Municipal de Dias D’Ávila. Participaram da pesquisa 04 professoras-alunas do município de Dias D’Ávila e 04 professoras-alunas do Projeto Ágata Esmeralda da periferia de Salvador (JESUS, 2005).

O referido trabalho conclui que, nem Tecnólogo do Ensino nem Agente Social conseguem ser distinguidos, diferenciados e qualificados tendo como base o material analisado em campo na formação dos docentes do Programa Rede UNEB 2000. O autor relata que o problema da pesquisa não encontrou respaldo diante da realidade complexa e assim não conseguiu classificar em padrões coerentes e lógicos dos quais foram mostrados pela teoria (JESUS, 2005).

A tese apresentada por Riffel (2005), intitulada “A ordem da humanização do parto na educação da vida”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mostra como estão articulados os conhecimentos sobre a humanização para formar as políticas pautadas na educação para o parto como estratégia de ensino da vida; como são postos em intervenção as capacidades que humanizam as políticas de educação para o parto, sua reserva e historicidade e o modo no qual o parto humanizado passa a ser uma disposição da vida (RIFFEL, 2005).

Dessa maneira, a autora traça os seus objetivos em questões, que são: como se articulam saberes sobre a humanização para compor políticas relacionadas à educação para o parto? Como são colocados em operação os saberes que humanizam as políticas de educação para o parto? Qual sua contingência e historicidade? De que modo o parto humanizado torna-se motivo de ordenamento da vida? (RIFFEL, 2005).

A sua metodologia é a análise documental, na qual escolheu determinados documentos e dividiu em três partes assim descritas; na primeira, denominada Apresentando os caminhos, situa o caminho de constituição do humano como elemento e a causa do saber, como também explicitar a diversidade que o termo ‘humanização’ traz em suas discussões e em quais circunstâncias é usada. Na segunda parte, trata do discurso da humanização como política do parto, busca revelar como esta ‘humanização’ estabelece uma forma de domínio e ajustamento da vida quando esta estabelece uma educação regulamentada para os povos com o referido “parto humanizado”. E na terceira parte, denominada de o governo do parto nas sociedades disciplinares, busca manifestar a distinção de aparelhos elaborados para que o parto seja uma prática de delimitação, a qual hoje se encontra em crise e em processo de transformação para práticas promovidas por uma coletividade de influência (RIFFEL, 2005).

Ao concluir a tese a autora relata que ao discutir essas práticas do parto e do nascimento humanizados, encontra uma área de diversas lutas, em que se torna visível em diversas formas de governo e que por meio dessas políticas públicas, subjetiva as gestantes, os profissionais e a população de como é a ‘melhor’, a igualmente econômica e prudente como também a maneira mais feliz de parir, nascer e viver (RIFFEL, 2005).

A dissertação de Machado (2007), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, intitulada “Afetividade na formação docente: a relação professor aluno como processo humanizador”, tem como tema central a afetividade. Busca pensar sobre a importância que a afetividade tem na formação do professor, este que é estabelecido como ser único desenvolvido no caminho da sua vida pessoal e profissional, que expressa emoções que tem interferência na sua concepção como também nas relações que são constituídas entre ele e os agentes do método educacional. O trabalho evidencia a afetividade e sua importância no processo educativo, fazendo contraponto com as políticas de formação de professores, como também o quanto é necessário incluir observações ao que diz respeito a esse tema, tendo em vista que o docente é um ser humano (MACHADO, 2007).

O processo metodológico desta pesquisa é um estudo de caso com a abordagem qualitativa, por meio de análise descritiva e interpretativa crítica, tem embasamento nos relatos de três professores entrevistados do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, além das referências teóricas que deram sustentação a este estudo. (MACHADO, 2007).

O presente trabalho mostra que a afetividade é relevante no processo ensino-aprendizagem da sala de aula, o docente que tem essas atitudes consegue influenciar no interesse e no desempenho do discente, ter o respeito dos alunos e agir de modo afetivo enriquece a autoestima e a aprendizagem. Ter uma relação afetiva com a profissão simplifica o trabalho docente, transforma a pessoa e a sua prática na sala de aula sendo afetiva se torna instrumento de humanização, o processo humanizador perpassa pelo caminho da afetividade. Com isso acredita que a afetividade contribui para a construção de uma educação mais humanizada e libertadora (MACHADO, 2007).

A dissertação intitulada “As tecnologias de informação e comunicação e a aprendizagem de educadores no devir da complexidade” defendida por Nunes (2010), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul, no ano de 2010, tem o intuito de observar o significado no método de humanização e aproximação das pessoas, analisar qual a causa, o que faz com que os docentes aceitem ou não usar as tecnologias. Assim o autor relaciona e indaga os aspectos dos vínculos entre os educadores e as tecnologias, na construção de um olhar intrincado sobre o humano (NUNES, 2010).

Esse estudo busca pensar sobre o valor de reconhecer educadores que pensam o método de educação através do aspecto perturbador que a complexa cibernética traz, e que os educadores possam vivenciar essas possibilidades. Com isso a pesquisa é qualitativa, se mostra uma pesquisa de intervenção com cunho etnográfica adaptada. A pesquisa-intervenção deu suporte para que houvesse questionamentos em relação aos conhecimentos já estabelecidos sobre e assim foi possível transformar as diversas formações que estão ligadas a prática da escola (NUNES, 2010).

Participaram da pesquisa quarenta e cinco pessoas, entre educadores e equipe diretiva, na sua maioria, pessoas que não estão no convívio com a comunidade, fazendo pouco caso da utilização das tecnologias e do conhecimento da cibernética junto ao método de aprendizagem, ficando de fora os projetos interdisciplinares que ajudam em um aprendizado complexo e motivador (NUNES, 2010).

Concluindo, enfatiza que as novas tecnologias vêm causando uma perturbação na forma de vida da sociedade, modificando a realidade da escola. Enfatiza que os educadores foram receptivos às ideias, mas que alguns não colocaram em prática, contudo foi visto uma modificação de padrões para programar os conteúdos a serem ampliados, depois que a pesquisa foi realizada na escola, estabelecendo um novo interesse, na busca de informação para que possa compreender a virtualidade e assim modificar as práticas pedagógicas.

A tese de Targas (2009), apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos, intitulada “Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora”, do ano de 2009, traz a discussão da importância da coerência, do “conviver com”, da cultura popular e da conscientização. Buscando ampliar o debate sobre o papel da música no cotidiano escolar, auxiliando na discussão da relação entre música, educação e cultura, fazendo uma análise para a área da educação bem como da música (TARGAS, 2009).

Uma pesquisa com fundamentação metodológica na pesquisa qualitativa, Grupo Focal, em que foi realizada uma entrevista semiestruturada, com a professora, essa que estava no convívio com o grupo pesquisado, avaliando a participação de cada um dos participantes. Os dados da observação, dos diálogos com o grupo, e das entrevistas com a professora foram transcritos para um diário de campo, registrando tudo o que acontecia durante a coleta de dados (TARGAS, 2009).

Evidenciando que ao final do experimento as crianças que antes eram tímidas começaram a se relacionar e a sugerir atividades, a escolher músicas, a expressar o que elas não gostavam, a recomendar modificações, escutar ideias diferentes das suas e isso não acontecia quando foi iniciada a convivência com o grupo. Buscou-se construir um espaço de diálogo e de compreensão das diversas culturas que estavam na sala de aula. E como vamos transformar a convivência através do diálogo e como lidar com a diversidade que está à nossa volta e como conversaremos com quem pensa diferente (TARGAS, 2009).

A dissertação de Costa (2009), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Santa Cruz do Sul, no ano de 2009, intitulada “Educação física para humanização da educação profissional e tecnológica: um estudo no RS” é um trabalho realizado junto ao Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. Tendo a ponderação sobre as probabilidades de “intervir e reconhecer” da Educação Física na Educação Profissional e Tecnológica partindo de uma discussão sobre essa

instituição. Busca um modelo de educação que possa contribuir para que o ser humano possa se desenvolver na sua totalidade (COSTA, 2009).

A pesquisa utilizou uma metodologia que utiliza os métodos quantitativos e qualitativos, descritivo e interpretativo. Utiliza dados quantitativos para dimensionar determinados aspectos do problema. Tendo caráter descritivo exploratório, descreve o fenômeno e revela as prováveis semelhanças que se formam no método educacional. Utiliza três questionários e uma entrevista semiestruturada, para obter os dados qualitativos e quantitativos, para conhecer sobre as carências no ensino técnico profissionalizante, à inexistência ou carência da Educação Física em relação aos princípios, valores, a cultura e as práticas corporais nas instituições de Educação Profissional e Tecnológica. Foi feita a observação das aulas de Educação Física nos cursos de Ensino Médio e Integrado (que têm Educação Física no currículo), como também foram fotografadas. Além desses, o diário de investigação também foi um meio pelo qual a pesquisadora se utilizou para depositar suas dúvidas e reflexões a respeito do andamento da pesquisa (COSTA, 2009).

Evidencia que tanto os meninos quanto as meninas consideram a importância do físico enfatizando que é para isso que serve a Educação Física, educar o corpo. Os meninos atribuem que os valores físicos são mais divertidos, tendo em vista que os morais e os sociais são trabalhados em outras disciplinas. Ao que se referem os valores sociais, as meninas levam em consideração a convivência, o entrosamento, o companheirismo e o respeito com os colegas, às regras, as possibilidades de vivência com sentimentos de vitória/derrota e/ou frustração, solidariedade e espírito esportivo enquanto os meninos acreditam que o esporte é uma maneira de integração, de inclusão aprendendo assim a lidar com a diversidade existente (COSTA, 2009).

Oliveira (2009), na sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, da Universidade do Vale do Itajaí, no ano de 2009, com o título “O currículo dos cursos de graduação em fisioterapia: a dimensão humana em análise” busca analisar as grades curriculares que norteiam a formação do fisioterapeuta em Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina - IES, juntamente com o processo de humanização na saúde. O empenho de humanização é idealizado como contribuição importante para o agente que está ligado a saúde. Sendo realizada na formação superior do profissional de Saúde, especificamente no fisioterapeuta, para observar o encontro da grandeza humana, na grade curricular dos cursos de formação dos profissionais (OLIVEIRA, 2009).

A metodologia utilizada foi à pesquisa qualitativa com a utilização da abordagem da análise documental, utilizou como fonte de dados às informações disponíveis no cadastro do INEP (sistema e-mec) e nos portais das Instituições de Ensino Superior às quais estão os cursos, especialmente os relacionados aos objetivos e matrizes curriculares dos cursos selecionados para o estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica para composição dos dados conceituais. Foram utilizados livros, artigos e periódicos para apoiar de acordo com a teoria as escolhas da pesquisa, ao que se refere o objeto, o recorte da análise, a coleta dos dados e sua interpretação (OLIVEIRA, 2009).

Os cursos dão ênfase na preparação dos profissionais para atender o paciente de um modo geral, oferecendo um reduzido número de disciplinas que destacam a humanização, e não trabalham este tema de forma continua durante o curso. Sendo de extrema importância que o profissional da saúde amplie sua sensibilidade, assim conhecer a realidade do paciente, escutar suas queixas e buscar com ele meios para que o paciente possa compreender a doença. Os conceitos atrelados com “ser humano”, devem permanecer presentes no dia-a-dia dos métodos auxiliares em saúde, como também deve pautar e ser exemplo na conduta do profissional. O processo de humanização se faz necessário em toda a formação do profissional fisioterapeuta (OLIVEIRA, 2009).

A dissertação apresentada por Silva (2007) junto ao Mestrado de Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza, intitulada “Utilização de software no processo de humanização em unidade hospitalar”, no ano de 2007, é uma pesquisa realizada na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Instituto Dr. José Frota, que é referência no acolhimento em casos de emergência tanto para a capital como também atende todo o estado. Buscando avaliar com o auxílio das famílias e visitantes a eficácia da utilização de software no processo de humanização em unidade de terapia intensiva (SILVA, 2007).

Pesquisa qualitativa com enfoque no estudo intervencionista, longitudinal, exploratório e descritivo. Participaram da pesquisa os acompanhantes, visitantes e familiares de pacientes internados nas quatro Unidades da UTI que estivessem presentes nos diferentes horários pré-estabelecidos para visita. Foram escolhidos de maneira intencional, 40 acompanhantes, visitantes e familiares que estavam na sala de espera das 04 unidades de terapia intensiva, as quais optaram por participar da pesquisa (SILVA, 2007).

A humanização tende a lembrar de que necessitamos de solidariedade e de apoio social. É uma lembrança permanente sobre a vulnerabilidade nossa e dos outros. Um alerta contra a violência seja física ou psicológica expressada nos maus tratos (SILVA,

2007, p. 17). Humanizar a acolhida enquanto está havendo a visita com a utilização de um software explicativo, expressa uma melhora, um olhar mais cuidadoso, perante a questão da humanização hospitalar com ênfase na família, no visitante. Instituir programas de humanização na UTI é imprescindível não apenas para pacientes e profissionais, como também para os familiares que convivem com a angústia de ter seus parentes internos e consequentemente não tem uma atenção devida, quando falamos sobre obter informações sobre o estado de saúde dos seus entes queridos (SILVA, 2007).

Neste sentido, é essencial ir à busca de respostas, tendo em vista a importância do desenvolvimento de espaços formativos e humanizadores. A humanização se faz necessária dentro dos espaços escolares, estando fundamentada em princípios éticos responsáveis, buscando a conscientização do ser. Assim, a humanização da educação é processo e produto, nasce e é conquistada através de determinação e várias lutas de educadores transformadores (LEITÃO, 2015).

Com isso a intenção é trazer a humanização como processo na educação a partir do entendimento, dos saberes e da realidade, considerando suas potencialidades. Como as dificuldades encontradas no cotidiano e na sociedade, têm contribuído para que homens e mulheres não consigam construir uma sociedade mais tolerante e agregadora.

Compreendendo que a educação pode desempenhar papel fundamental na transformação dessa realidade, com um método de ensino e aprendizagem que beneficiem a reflexão crítica, criativa e dialógica. O fazer humanista e libertador no qual os agentes que estão submetidos à dominação, lutam por sua emancipação. O desenvolver-se humanamente ocorre nesse sentido, movido em consequência da educação, e essa complexidade do ser humano pode ser situada nas afinidades educativas, por meio da experiência do ser humano, de gente tendo convivência com gente, de um plano claro, de objetivos determinados e de conteúdos que considerem as diversas extensões da vida, em um sucessivo método de “educar-se”, de “vir a ser”. Logo, a grande função do docente incide em exercer a expectativa no ensino, na educação, nos discentes e em si mesmo, começando pela humanização dos métodos pedagógicos. (TONIOLO; HENZ, 2014).

Assim, a presente pesquisa busca averiguar a capacidade de humanização dos professores em sala de aula, almejando identificar como os profissionais que participaram do curso de formação em Educação Emocional estão lidando com os processos de aprendizagem que visam a humanização.

Buscar respostas é fundamental, tendo em vista a importância do desenvolvimento nos espaços formativos, lugar que necessita focar mais no sujeito como um todo, com

todos os seus anseios, emoções e pensamentos, para assim conseguir auxiliar no desenvolvimento do ser de um modo geral.

1.2 O desenho teórico-metodológico da pesquisa

Dedicar-se academicamente ao campo da Humanização e da Educação Emocional significa, de forma especial, lançar olhares para dentro dos espaços escolares, com o intuito de formar professores para que estes possam desenvolver a humanização na sala de aula. Neste sentido, a opção aqui realizada tem uma conotação transformadora, no sentido de dar força e iluminar a educação para que se consiga fomentar tal ação humanizadora dentro dos espaços escolares.

O relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO sobre a Educação para o Século XXI destaca quatro eixos básicos que constituem os pilares da educação, que na sua constituição acenam para aspectos de ordem cognitiva e socioemocionais: aprender a conhecer e aprender a aprender para aproveitar as possibilidades que são oferecidas ao longo da vida; aprender a fazer, para capacitar a pessoa para lidar com diversas situações; aprender a ser, para viver com autonomia, com valores sólidos e responsabilidade; aprender a conviver, para trabalhar com projetos comuns e gerenciar conflitos (DELORS, 1998). O desafio posto pela instituição sobre os pilares encontrou ressonância em outro estudo empreendido pela UNESCO, contemplando toda a América Latina, nos anos de 1995 a 2000: o ambiente emocional é o fator mais relevante no desempenho dos alunos se comparado a outros fatores como gestão, infraestrutura, corpo docente, contexto familiar, etc. (CASASSUS, 2009).

Olhando a situação educacional que estamos vivendo, a qual se tem referido pouco ao humanismo na sua prática (LEITÃO, 2015). O presente trabalho se baseia em uma filosofia de ensino que tem foco no sujeito, em que a pessoa é vista no todo, com seus pensamentos, emoções, anseios e atos, todas voltadas para o seu desenvolvimento, autônomo e crítico. No livro *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire explana a concepção de educação “bancária” uma educação que considera o educador como o único capaz de realizar o processo de ensino/aprendizagem, ou seja, trata o educando como sendo uma tábua rasa na qual apenas recebe a informação e o professor não leva em conta sua experiência, apenas deposita o seu conhecimento sem fomentar a autonomia do sujeito (FREIRE, 1987).

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam (FREIRE, 1987, p.33).

Analisando que nesta prática o educador é figura central desse processo sendo ele o que educa, pensa e o que se torna o dono das ações. Assim a curiosidade, a vontade de pensar por si próprio é ceifada do educando com isso se tem uma prática totalmente desumanizante, pois passa a ver os educandos apenas como um produto (FREIRE, 1987).

O ser humano é para se desenvolver, dentro da sua conjuntura, desenvolver todas as suas competências, buscando adequar-se neste vasto leque de relações que a vida lhe proporciona, sendo no mundo e com o mundo, podendo ser intrapessoais, interpessoais, estéticas, de gênero, de etnia, etc. (MEDEIROS, 2013). A essência do ser humano é ser sujeito e não objeto. Sujeito na história e da sua história. A qual não se pode construir sozinho, mas em conjunto com a sociedade, em que homens e mulheres mostram-se capazes de “ser mais”, mostrar seu lado mais humano, superando situações de desumanização (FREIRE, 1987).

Assumindo que este seja o principal problema da humanidade no papel da humanização, Freire entende que os seres humanos estão sempre em um processo de humanização, contudo, devido às situações que a história proporcionou, os homens encontram-se desumanizados, tornando-se necessário essa tomada de consciência, enxergar-se como ser desumanizado é o primeiro passo para a sua própria libertação (FREIRE, 1987).

Uma educação libertadora, visando à humanização dos sujeitos, é expressa quando os docentes e os discentes tem uma atuação crítica no aprender e ensinar, quando sistematizam os estudos, nas suas relações, no discurso, em tudo deve haver coerência. Com esta proposta educacional, é necessária ter respeito e dar valor. Faz-se necessário partir dos docentes esse respeito e esse valor, sendo atribuído aos saberes adquiridos pelos discentes, isso contribui para expandir a visão dos discentes, para que eles percebam os problemas sociais que perpassam a escola, sendo possível conviver com as diferenças (FREIRE, 1987).

Entre os atos que tem interferência quando falamos de ensinar e aprender, a relação docente-discente tem sua efetivação com a prática, entendendo que a docência

está ligada as ações dos discentes, na qual ambas têm influência quando falamos em produção de conhecimento, bem como na sua formação integral (SOUZA 2007).

E mesmo essa relação docente-discente, tendo influência quando falamos em formação e necessário ter uma reflexão crítica da mesma, assim se tornando uma exigência na relação teoria/prática.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2011, p. 24).

Os elementos e os conhecimentos que os discentes trazem para a sala de aula auxiliam para aprofundar na elaboração dos conhecimentos cognitivos e para auxiliar os docentes na relação dentro da sala de aula. “É preciso que, pelo contrário, desde o começo do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 2011, p. 25). Com isso, debater sobre o ensino das disciplinas não se reduz aos conhecimentos dos conteúdos, de acordo com o olhar clássico, no qual os saberes estão presos a teorias, conceitos, conteúdos, as disciplinas, a conhecer nomes, datas, regras e etc.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro (FREIRE, 2011, p. 25).

Além disso, destaca-se que a própria condição de estar na escola ou retornar a ela, muitas vezes pode parecer uma exigência do mercado, no sentido de “ter mais”, por outro lado também é sentida como uma possibilidade de “ser mais”. “Ser mais” aparece como uma possibilidade de “ser uma pessoa melhor”, de “se conhecer mais”, de “se fortalecer como gente”. Tais falas, registradas a partir do cotidiano daqueles que fazem a educação no município de João Pessoa, através de trabalhos que pude desenvolver em escolas junto ao Grupo de Pesquisa Educação e Emocionalidades CNPq/UFPB, permitiram o delineamento de uma questão que emerge como relevante: as subjetividades dos

professores (as), especificamente no que tange às emoções, estão associadas à lógica da afirmação dos direitos humanos e da cidadania, pois elas colaboram com o empoderamento das pessoas.

Desta forma, para entender determinados acontecimentos precisamos estar conscientes de algumas coisas (sensações, sentimentos, pensamentos, intenções) e que somos capazes de dirigir seu curso. Trata-se de um treinamento mental, a consciência precisa estar organizada para tal. Neste sentido, a questão do processo humanizador é importante para o desenvolvimento de ações no campo da Educação Emocional (GONSALVES, 2015).

Cabe destacar que a emoção é definida como um conjunto de reações químicas e neurais subjacentes à organização de certas respostas comportamentais básicas e necessárias à sobrevivência dos animais, configurando-se como ações ou movimentos, muitos deles públicos (DAMÁSIO, 2013).

A hipótese de António Damásio é que a emoção é uma coleção de respostas químicas e neurais diante de um Estímulo Emocional Competente-EEC. Mediante o estímulo – que pode ser um objeto ou acontecimento cuja presença é real ou lembrada –, desencadeia-se um processo emocional, gerando respostas automáticas. O cérebro está preparado para responder a certos estímulos através de repertórios vindos da evolução humana ou da experiência individual, tendo como resultado uma alteração temporária do corpo (DAMÁSIO, 2013).

As emoções são reações mediante informações recebidas do entorno e sua intensidade está na dependência da avaliação realizada sobre a informação. Damásio (2000) organizou uma classificação básica das emoções, distinguindo três categorias: emoções primárias (consideradas inatas e universais, como alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa); emoções sociais (dependentes de fatores socioculturais, como culpa, vergonha, inveja, gratidão, desprezo, dentre outras); emoções de fundo (relacionadas com o bem-estar, mal-estar, calma ou tensão).

Assim, tudo o que mobiliza e gera uma ação é decorrente de uma emoção. A nossa capacidade de indignação, de solidariedade, a coragem para contestar, a determinação para se posicionar, tudo isso nasce no campo da emocionalidade. É a emoção que define a disponibilidade do sujeito para atuar, a emoção expressa uma síntese de estados afetivos (que podem ser definidos por categorias como autoestima, segurança, interesse, etc.), que são estados que definem o tipo de emoção que caracteriza o sujeito (GONSALVES, 2014).

A opção teórico-metodológica é a da Teoria Fundamentada, que é realizada de forma colaborativa, este projeto de pesquisa é baseado metodologicamente em Strauss e Juliet Corbin (1990-1998) e Kathy Charmaz (2000).

Este tipo de investigação compreende a investigação qualitativa baseada em dados empíricos com o objetivo de produzir uma teoria. Dados produzidos, principalmente, através de entrevistas. Interação com teorias, generalização, precisão, rigor e verificação. Interpretação à luz das significações dos participantes. Construção de uma explicação geral sobre fenômenos sociais numa perspectiva de teorização.

O projeto está estruturado nas seguintes fases assim sintetizadas: 1) Investigação: momento produzir conhecimentos e compreensões sobre a problemática em questão, considerando os grupos com os quais se trabalha e a percepção coletiva que tais grupos têm de sua própria problemática; 2) Tematização: busca por alcançar uma aproximação com a problemática das escolas, representando uma ação reflexiva na produção do conhecimento da realidade em confronto com o referencial teórico disponível; 3) Avaliação: análise dos resultados finais do projeto por toda a comunidade participante, proporcionando os ajustes no projeto. Tal análise incluirá resultados dos instrumentos avaliativos aplicados no decorrer do processo de pesquisa.

O exercício da teoria fundamentada proporcionará a instauração de um campo de reflexão dialógico, construindo uma teoria para essas práticas educativas capaz de atravessar as investigações científicas e propriamente escolares. Será utilizada a abordagem qualitativa em todas as etapas do trabalho, de modo que esta abordagem possa oferecer um quadro amplo das questões do projeto.

Neste estudo de pesquisa, a abordagem qualitativa se faz presente como método de pesquisa. Esta que de acordo com André, Gatti (2011), afirma que a pesquisa qualitativa tem sua origem nos séculos XVII e XIX, na ocasião diversos sociólogos, historiadores e cientistas sociais, estavam insatisfeitos com o método de pesquisa das ciências naturais e físicas, com isso buscaram novos meios de investigação. Tais como, Wilhelm Ditley e Max Weber. “A abordagem qualitativa defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 30).

Assim, as pesquisas chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do

humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 30).

A pesquisa qualitativa possibilita realizar aprendizagens mais profundas, tendo uma gama de opções, incluindo as que são de seu interesse, oferecendo uma autonomia para selecionar tais temas (YIN, 2016).

Temos cinco características na pesquisa qualitativa: 1) Busca compreender o significado da vida e da real condição das pessoas. Para isso essas pessoas estarão executando suas ações cotidianas. O contato deve ter o mínimo de interferência, para que as pessoas possam dizer o que quiserem, não são induzidas a responderem um questionário já definido pelo pesquisador; 2) Retratar as considerações e os pontos de vista do estudo. Com isso os acontecimentos e os princípios dessa pesquisa, possam ter o que de fato ocorreu, sendo passado pelos próprios atores e não pelos pesquisadores; 3) Abranger as circunstâncias do contexto, sendo elas, sociais, institucionais e ambientais das quais a vida se desenvolvem; 4) Colaborar com as descobertas sobre os conceitos que existem ou que emergem e que auxiliam na explicação da conduta social do ser humano. A pesquisa qualitativa tem aspiração explicativa, sendo elas por seus conceitos que já existem ou que estão surgindo; 5) Procura captar, constituir e explanar dados de diferentes fontes, sendo este, um provável estudo da vida real dos participantes, podendo usar entrevistas, observar e até mesmo verificar documentos ou artefatos (YIN, 2016).

Ainda de acordo com Yin, temos o êmico e o ético como termos complementares. “Uma perspectiva êmica procura capturar os significados nativos dos participantes dos eventos da vida real. Uma perspectiva ética representa o mesmo conjunto de eventos da vida real, mas de uma perspectiva externa – a de um pesquisador” (YIN, 2016, p.10). O êmico estaria relacionado ao ponto de vista do pesquisador enquanto o ético o pesquisador não pode interpretar sem levar em consideração o que o outro está passando/mostrando a ele (YIN, 2016).

Já nas palavras de Stake (2011, p. 29), “Se os pesquisadores decidem coletar dados experimentais e não medidas, sua pesquisa é chamada “qualitativa”, mas, mesmo assim, podem focar ou o individual ou o geral”. Para Flick (2009, p. 20), “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à popularização das esferas de vida”. Ainda existem características da pesquisa qualitativa, sendo elas; escolher adequadamente os métodos e as teorias; reconhecer e analisar as diversas perspectivas; na reflexão por parte do pesquisador sobre sua pesquisa

e como ela faz parte da construção do conhecimento; e nos diversos métodos e abordagens (FLICK, 2009).

A caracterização das pesquisas de cunho qualitativo não é numérica, todavia precisa explicar a determinação das pluralidades dos participantes da pesquisa. O que deve permanecer é a certeza no pesquisador que, mesmo que seja de forma provisória, obteve uma compreensão para o objeto de estudo (MINAYO, 2017).

Com isso “quem faz pesquisa qualitativa trabalha com a ideia de que ciência se faz por aproximações e de que as investigações seguem e se aprofundam no futuro com ele ou com outros pesquisadores” (MINAYO 2017, p. 9). Assim, a pesquisa de cunho qualitativo se faz necessário neste trabalho, pois diante das subjetividades apresentadas no tema estudado permite analisar uma amostra que atenda as diversas dimensões dos fenômenos estudados e torne essa amostra ideal, buscando consecutivamente as características das ações e das interações no decorrer do procedimento.

Pesquisar a educação numa perspectiva humanizadora se justifica mediante uma sociedade que anseia por melhores condições de vida. Mostrando que diante do mundo informatizado e em constante processo de globalização vem revelando um diferente aspecto de discentes, onde eles se mostram mais indagadores, mais curiosos e com mais vontade de ver e ser visto. Fatores estes que se mostram complexos e cheios de desafios para o trabalho docente e que exigem a reflexão crítica da realidade social como também histórica na qual estes indivíduos estão inseridos para assim poder conhecer e colaborar da melhor maneira para a sua transformação, visando a evolução do ser como um todo.

1.2.1 Organização e análise dos dados

É normal quando se pensa sobre coleta de dados qualitativos focarem nos tipos de dados e nos métodos para coletar (CRESWEL, 2014). Coletar os dados é mais que um procedimento para apenas reunir os dados coletados, atividades inter-relacionadas demonstram melhor esse processo, como afirma Creswel, “Essas atividades são a localização de um lugar ou um indivíduo, a obtenção de acesso e fazer um *rapport*, amostragem intencional, coleta de dados, registro de informações, exploração das dificuldades do campo e armazenagem dos dados” (CRESWEL, 2014, p. 121).

Assim, coletar os dados são varias ações que estão relacionadas com o objetivo de captar elementos que possam dar respostas às questões da pesquisa (CRESWEL, 2014).

O uso do *rapport* com um participante se dá a partir do momento em que você tem acesso ao local, e assim você possa obter bons dados para sua pesquisa, tendo em

vista que essa é uma técnica que você cria uma ligação com o outro, um indivíduo que está ligado diretamente com o seu local de pesquisa, assim facilitando a sua entrada no campo de pesquisa (CRESWEL, 2014).

Na teoria fundamentada os agentes podem estar dispersos em vários locais, com tudo podem gerar informações importantes de acordo com o seu contexto. Os agentes participam do processo e da ação do pesquisador (CRESWEL, 2014). Neste estudo, a entrevista é usada como abordagem, sendo assim definidas: “As entrevistas são interações planejadas, previamente combinadas, entre duas ou mais pessoas, onde alguém é responsável por fazer questões referentes a um tema ou tópico específico de interesse e a outra cabe responder essas questões” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 171). Podendo ser registradas de três modos: por anotações, gravação em áudio e vídeo.

O uso de anotações manuscritas para fazer um registro durável de uma entrevista, necessariamente concentrará a atenção do pesquisador mais para o conteúdo do que o entrevistado diz, do que para a maneira como ele diz. A gravação em áudio e vídeo permite ao pesquisador captar boa parte da entonação do entrevistado, de sua qualidade de voz, de suas hesitações, autocorreções, desvios, etc. A gravação em vídeo também registra muitos dos gestos, expressões faciais, movimentos corporais e coisas do tipo, feitas durante o curso da entrevista (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 172).

Temos alguns tipos de entrevistas as estruturadas ou não-estruturadas. As estruturadas são mais apropriadas para pesquisas que precisam de vários dados, onde o seu formato permite comparar de forma relativamente mais fácil. Já as não-estruturadas não tem uma lista predefinida, os pesquisadores iniciam a entrevista com um panorama mais geral do que vai ser discutido, mas deixando os entrevistados guiar o campo de discussão. As entrevistas semiestruturadas estão entre as estruturadas e as não-estruturadas. Essas entrevistas tem uma lista de questões que são preparadas previamente, contudo o pesquisador usa apenas como guia e acompanha todos os comentários feitos pelo entrevistado (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

Com isso “A principal consideração quando se cria as questões de entrevista diz respeito ao tipo de informação mais necessária para lidar com a questão da pesquisa que guia o estudo” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 178). Já na análise de conteúdo se tem três pontos o primeiro seria a pré-análise, o segundo a exploração do material e terceiro o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011).

Nas palavras de Bardin, a pré-análise “é a fase da organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (BARDIN, 2011, p. 125). Sobre a exploração dos materiais, é a aplicação metódica das decisões. “Quer se trate de procedimentos aplicados manualmente ou de operações efetuadas por computador, o decorrer do programa completa-se mecanicamente” (BARDIN, 2011, p. 131). Consistindo em operações de codificação, decomposição ou enumeração.

A interpretação dos resultados são postos de maneira significativos e válidos. “Operações estatísticas simples (porcentagem), ou mais complexas (análise fatorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise” (BARDIN, 2011, p. 131). “O Analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fíeis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2011, p. 131).

Mas todos esses suportes “materiais” serão francamente inúteis no emprego da análise de conteúdo se o pesquisador não possuir amplo campo de clareza teórica. Isto é, não será possível a inferência se não dominarmos os conceitos básicos das teorias que, nossas hipóteses, estariam alimentando o conteúdo das mensagens (TRIVIÑOS, 1987, p. 160,161).

É necessário que o pesquisador tenha uma clara definição do seu campo de pesquisa, para assim conseguir obter os resultados que ele busca. O trabalho de campo foi realizado a partir de uma amostragem de trinta e duas pessoas que participaram do curso de formação em Educação Emocional no município de Queimadas/PB. Assim, a presente pesquisa busca averiguar a capacidade de humanização dos profissionais, estes que participaram do curso de formação em Educação Emocional no município de Queimadas/PB.

A formação em Educação Emocional desenvolvida na rede municipal de educação no município de Queimadas/PB acena nesta direção, elegendo como eixo a importância da Educação Emocional como meio para ter uma educação voltada para formação humana. Foi feita uma entrevista utilizando questões pré-definidas, com a participação dos alunos do curso de formação em Educação Emocional ao todo foram 32

participantes que responderam a 63 questões, contudo me detenho a uma análise de 7 questões que são pertinentes ao tema estudado.

O município de Queimadas/PB iniciou em agosto de 2017 o curso de formação em Educação Emocional, atendendo a demanda de profissionais que atuam na educação do município. O objetivo principal do curso é formar profissionais do magistério que integram a rede pública de ensino em Educação Emocional, a fim de capacitá-los na promoção das competências emocionais dos alunos.

A proposta para o curso de formação em Educação Emocional inicialmente foi destinada aos profissionais da educação do município de Queimadas/PB, porém, a secretaria de educação em parceria com a secretaria de saúde do município, disponibilizou algumas vagas para profissionais que atuam na secretaria de saúde, assim, estão sendo beneficiados tanto os profissionais que atuam na secretaria de educação quanto na secretaria de saúde do município de Queimadas.

O pesquisador obteve total receptividade da secretaria de educação do município de Queimadas/PB para realizar tal pesquisa.

Todo trabalho de campo foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa- CEP, da Universidade Federal da Paraíba, Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 91306318.5.0000.5188. Os questionários foram aplicados com o consentimento das participantes, através de Termo de Consentimento Livre e esclarecido – TCLE.

1.3 SOBRE O MUNICÍPIO DE QUEIMADAS/PB

Queimadas é uma cidade do Estado do Paraíba. Os habitantes se chamam queimadenses. O município se estende por 401,8 km² e contava com 41 049 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 102,2 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Caturité, Fagundes e Gado Bravo, Queimadas se situa a 14 km a Sul-Oeste de Campina Grande a maior cidade nos arredores. Situado a 469 metros de altitude, de Queimadas tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 7° 21' 29" Sul, Longitude: 35° 54' 7" Oeste.

Localizada no Agreste paraibano, a 133 km de João Pessoa, a cidade de Queimadas fica numa região que tem em sua história as marcas da chegada do gado ao interior do nosso Estado, no século XVIII. A data de terra onde hoje está localizada a cidade foi concedida a Pascácio de Oliveira Ledo em 13 de dezembro de 1712, como

recompensa às suas atividades de conquista dos sertões (para interiorização do gado), e às guerras que praticou contra o “gentio bravo” em favor da coroa portuguesa. (LOPES, 2010).

O povoamento de Queimadas iniciou-se por volta do ano de 1882, as famílias Tavares e Muniz tinham casas na região, logo depois chegaram às famílias Gonzaga e de Manoel Lopes de Andrade as quais iniciaram a povoação de Queimadas. (LOPES, 2010).

Entre as manifestações culturais que a cidade possui, podemos citar a festa de Reis que tem o religioso Félix Xavier como principal idealizador. Por ser um ponto de passagem para o Sertão, Queimadas tem o privilégio de receber grande número de pessoas de outras cidades. Além disso, tem potencialidade turística própria, seja no turismo de eventos de festas tradicionais (a exemplo da Festa de Reis), seja no turismo de aventura, que é praticado no Complexo da Pedra do Touro, onde é possível fazer trilhas, práticas de rapel, acesso à gastronomia local e ainda visitar doze sítios arqueológicos. (LOPES, 2010).

A primeira escola em Queimadas foi o Grupo Escolar José Tavares, inaugurada em 25 de Janeiro de 1937.

As escolas funcionavam em residências. Com o passar do tempo foi construído o Grupo Cônego Oscar Cavalcante (hoje abriga o PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil); a Escola Municipal Veneziano Vital do Rêgo (atualmente abriga a escola municipal Professor José Miranda). No início da década de 70 iniciou-se a construção do “ERNESTÃO” e depois passou a estadual. Hoje é a maior escola da cidade. O “ASSISÃO” (Francisco de Assis Maciel Lopes) é a maior escola municipal da cidade, construída em 1998. No ano de 2010 ela teve o nome alterado para Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Vital do Rêgo. (LOPES, 2010).

Hoje existem em Queimadas 90 escolas, nove particulares, onze estaduais e 70 municipais. Com uma taxa de analfabetismo de 33,68%, de acordo com o Censo do IBGE de 2000. (LOPES, 2010).

2. EDUCAÇÃO POPULAR E O PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

Educação Popular é um conceito que em momentos distintos da história da educação adquire diversos significados, especificamente nos países da América Latina. A educação popular ao longo do tempo toma posição de tema importante para os autores dos diversos campos de conhecimento humanístico e social, os quais têm projetos de intervenção e propostas para os setores populares onde estes são os agentes centrais (STRECK, 2008).

Tendo a sua refundação com o movimento zapatista no México, a Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE) e as manifestações de povos indígenas na Bolívia que expõem a realidade e fazem uma leitura de mundo que estão esquecidas e distintas. Como também o movimento negro, o das mulheres e outros que são invisibilizados na sociedade (STRECK, 2008). A Educação Popular está presente na sociedade da América Latina nos últimos duzentos anos. A peculiaridade foi ter sido escondida nos discursos de cunho de dominação, sendo estes tanto da direita quanto da esquerda (MEJÍA, 2002).

Nessa perspectiva, afirmamos que a Educação Popular continua sendo construída como uma área em desenvolvimento, acumulando uma tradição que já tem uma existência centenária e que é atual, na medida em que faz uma releitura da realidade, na qual tenta dar resposta e empoderar os excluídos e segregados (MEJÍA, 2002, p. 206).

Refletir sobre a origem desta prática social educativa, nos faz rever diversos processos na sociedade globalizada, tais como; Construção de especificidades educativas junto a grupos subordinados, assim redireciona os saberes dos grupos que são excluídos, construindo uma ação educativa (MEJÍA, 2002). “Em alguns lugares, foi complementada com dinâmicas geradas no nosso continente, como a Teologia da Libertação, a Pesquisa Ação Participativa, o Teatro do Oprimido e a Comunicação Popular [...]” (MEJÍA, 2002, p. 207); Desenvolver um meio de poder nas práticas educativas, com especialidade principal a construção partindo das práticas educativas sociais. [...] “As práticas de Educação Popular têm ajudado, com o seu grão de areia, a formar este campo que impulsionou o alternativo, a partir dos segregados, excluídos e explorados nas décadas anteriores” (MEJÍA, 2002, p. 207); “Desenvolver uma prática pedagógica com fundamento no contexto, nas práticas sociais, na colaboração para a ação libertadora e transformadora, estabelecendo novas bases à ação política pedagógica” (MEJÍA, 2002, p.

207); Ordenar as experiências que auxiliam nas diversas metodologias, com compreensões críticas, mas partindo das práticas; Construção de lugares para a crítica educacional.

A Educação Popular passa por uma reformulação onde tem em seu primeiro princípio partir da realidade, onde é indispensável mudar as práticas e estratégias dos que sofrem com o predomínio capitalista. A fábrica da cultura de massa, a tecnologia se desenvolve no fenômeno da comunicação, constrói uma forma transnacional de cultura de mídia. O lugar das pessoas que promovem a Educação Popular, organizações não governamentais (ONGs), igrejas de vários aspectos, grupos que se auxiliam, as pessoas que atuam nesses espaços são colocadas como agentes de uma política estatal, também de uma política atuante com neutralidade. A Educação Popular entra na educação formal com reestruturação, é necessário que a Educação Popular elabore discursos, assim criando suas propostas de forma prática e se inserindo com força na educação (MEJÍA, 2002).

No horizonte latino-americano, aparece uma reconfiguração do campo do popular a partir dos processos de exclusão e segregação que se constituem no amplo espectro do mundo da globalização e suas variáveis tecnológicas, comunicativas, reestruturadoras do trabalho, do feminino, dos gêneros e de muitos outros aspectos. Campo que se constitui a partir dos sujeitos que resistem na diversidade, diferença e exclusão, construindo práticas sociais que apostam no reencontro entre o político e o social (MEJÍA, 2002, p. 211).

Transformar as composições políticas, que traz a injustiça, exclusão opressão e segregação. Tornar mais confiantes os agentes locais, reconhecendo o saber popular, onde se tem práticas de resistência, dar lugar a práticas que reconhecem a diversidade e as interculturalidades e com uma conotação anticapitalista dando opções para as camadas excluídas da sociedade (MEJÍA, 2002).

Por isso, constrói-se uma práxis que contém a educação como um elemento fundamental. Não é qualquer forma de educação, mas uma educação que se compromete com a libertação das pessoas. É uma educação humanizadora, libertadora e crítica, que não há sem conflitos sendo este o seu papel que é além de tudo tirar esse mito da opressão que há, mesmo sendo dentro do oprimido ou nas relações em que se identifica como “menor” (FREIRE, 1987).

Em Pedagogia do Oprimido, se ressalta o caráter dialógico da prática educativa libertadora. Uma práxis que nega o depósito, a narrativa ou a transferência de conhecimento (FREIRE, 1987). O mundo passa por muitos procedimentos científico-

tecnológicos estes que a cada dia são mais avançados, a tecnologia e a informática, ocupam um espaço cada vez maior na vida das pessoas. A maior parte das famílias não tem mais o seu momento de diálogo, da troca de afeto. Essa busca enlouquecida pelo “ter” torna as pessoas cada vez mais fechadas em seus próprios “mundos” a cada dia os laços afetivos se tornam cada vez mais superficiais. A escola hoje reproduz ainda mais o enfraquecimento desses laços, enfatiza os conteúdos curriculares, estimula a competição e o individualismo. Acreditando que a “qualidade do ensino” está assegurada apenas tendo uma maior concentração de conteúdos e o currículo podendo contemplar uma maior quantidade de disciplinas (TONIOLO; HENZ, 2014).

O que se pode observar é que as relações interpessoais, as trocas afetivas, os valores como o amor, a solidariedade, o brincar, o respeito ao outro, vão sendo naturalmente descartados, já que estes não servem para que as pessoas sejam “bem sucedidas” na sociedade que prioriza o “ter” sobre o “ser”, apontando os caminhos do individualismo, da competitividade. Neste sentido, “a escola” continua a reproduzir conteúdos arcaicos que em nada contribuem na formação de adultos com referenciais de cidadania e de respeito ao próximo (TONIOLO; HENZ, 2014, p. 2).

Em sua maioria essas práticas escolares que dão ênfase no individualismo e conformismo social por meio do professor e como ele se relaciona, no desenvolvimento dos conteúdos, por muitas vezes é dissociada da realidade social. “É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação” (TONIOLO; HENZ apud FREIRE, 2014, p. 3).

Que esses conteúdos buscassem se aproximar da história de vida dos cidadãos que estão inseridos no mundo e que dele fazem parte, com isso podem estar nele e com ele como atores. Paulo Freire traz esse processo sendo permanente e perdura durante toda a formação do sujeito, este que é um sujeito histórico e inacabado (FREIRE, 1987).

Entender que estamos em um processo de construção e reconstrução sendo este permanente pode nos libertar da visão determinista e imobilizadora, inviabilizando as possibilidades de mudança da condição de opressão que experimentamos no mundo. Oposto a isso, fica clara a capacidade crítica e criadora, os cidadãos levantam hipóteses sobre o mundo, interferindo nele, criando e recriando sua cultura e história (LEITÃO, 2015).

O processo de humanização está relacionado a “ser mais” sendo condição ontológica em sua integralidade, não é privilégio de uma minoria, contudo, todas as

injustiças e as exclusões que a maioria das pessoas passa faz parte de uma sociedade excludente e injusta. A humanização garante as pessoas o direito a sua dignidade, e a estar presente nas tomadas de decisões sociais (FREIRE, 1987).

A educação emocional entra como suporte para fazer essa humanização na sala de aula. Falar sobre afeto e emoção na escola, é discutir elementos que permeiam a relação professor e aluno. Com isso é comum afirmar que “o aluno se desenvolve mais quando o professor é afetivo” ou que “o professor que tem atitudes mais afetivas aproxima-se mais do aluno, facilitando a aprendizagem” (GONSALVES, 2015).

Não há dúvida de que as manifestações de afeto transformam as práticas de ensino. As emoções e o afeto passaram a assumir um lugar de destaque na área, chamando a atenção de pesquisadores e educadores. As emoções estão presentes na sala de aula e podem ser vistas desde expressões de carinho e admiração até em expressões de violência (GONSALVES, 2015, p. 13).

É importante ressaltar que a emoção faz parte do nosso equipamento natural, onde, “a emoção é definida por um conjunto complexo de interações subjetivas e objetivas que ocorrem mediante uma ativação, ou seja, mediante um acontecimento gerador” (POSSEBON, 2017, p.18). Diante da urgente função que é modificar a sociedade através do processo de humanização, o percurso para disponibilizar sugestões educativas modernas é o da libertação de qualquer opressão (GONSALVES, 2015).

Libertar-se do que oprime envolve no mínimo, três tipos de enfrentamento: a luta contra opressões de ordem material, como o não acesso a direitos básicos (habitação e alimentação); a luta contra opressões físicas (estupro e todo tipo de violência física), além da luta contra opressões emocionais (assédio moral, dentre outros). A liberdade inclui a plena consciência de si, de seus direitos e das possibilidades de sua existência. (GONSALVES, 2015, p. 50).

Diz-se que é reservado o ensino de conteúdos como meio para ter acesso ao saber. Contudo as relações humanas com seus gestos e palavras, cheios de significações ocorrem em todos os lugares da existência humana, sejam em espaços escolares ou não. É preciso ficar atento para os espaços de formação, sendo escolares ou não, com o intuito de verificar até que ponto estes espaços estão tendo estímulos de emoções que libertam. Assim saber lidar com a questão emocional é uma tarefa educativa libertadora, inadiável. (GONSALVES, 2015).

A humanização tem o conceito subjetivo e com a modernidade um tanto acelerada é importante que fique claro o seu significado, já que vem sendo utilizado cada vez mais. No dicionário Aurélio – Humanizar seria: humanar, tornar-se humano, compadecer-se, adoçar, suavizar, civilizar; e Humanização: ato ou efeito de humanizar.

Quanto mais humanizada for uma pessoa, mais cidadã, mais sensível, mais humana será; mais agirá no sentido de unir, e não de segregar; suas palavras e atitudes serão permeadas com afeto, carinho, respeito, compreensão, igualdade, e mais do que tudo, compaixão (COSTA; MARTINS; RABELO, 2015, p. 2).

Colaborando para conviver com mais harmonia despertando sentimentos, emoções e atitudes que colaboram para a convivência. À humanização é construída paulatinamente, sendo efetuada através de conhecimentos e de sentimentos compartilhados. Sendo uma troca, agir de forma humanizada pode servir de estímulo para as pessoas que convivem com você. Humanizar é transformar-se em humano, com hábitos que sejam mais apropriados e de acordo com a ética e a moral, cada vez mais ir se distanciando da ignorância, estupidez e do desamor (TRENTIN, 2014).

A concepção de Freire (1987) sobre a Humanização ergue-se como ontologia do ser. O ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização. Para Freire uma educação libertadora é o caminho percorrido entre ter uma consciência ingênua e transformar em uma consciência crítica com a capacidade de tornar os discentes capazes de serem sujeitos no seu processo educativo, como também na sua própria história.

Segundo Trentin (2014): “Humanizar é tornar-se humano, adquirir novos hábitos mais apropriados sob o prisma da ética e da moral distanciando-se da ignorância, estupidez, desamor...” É educar-se sendo mais benévolo, enfim, evoluir o “eu espírito”. Ou seja, o processo de humanização está relacionado com um processo interior de evolução, de busca por ser uma pessoa melhor, é olhar e perceber o outro como irmão, com tolerância, com cuidado, com afeto, com amor. Humanizar-se é amar o próximo como a si mesmo. Não quer dizer que tem que ser bonzinho ou seguir alguma regra mecânica de comportamento para tirar algum proveito próprio, mas sim, agir naturalmente, espontaneamente, sentir-se igual ao outro, quer dizer, não apenas sentir, mas sim ter a consciência de que é igual, de que todos são iguais: com medos, aspirações; defeitos, qualidades; fraquezas, potencialidades; dúvidas, certezas; etc., inerentes a todo e qualquer ser humano.

Quadro 2: Conceito de Humanização

AUTOR/AUTORA	CONCEITO DE HUMANIZAÇÃO
TRENTIN (2014)	Humanizar é tornar-se humano, adquirir novos hábitos mais apropriados sob o prisma da ética e da moral distanciando-se da ignorância, estupidez, desamor...
FREIRE (1987)	Humanização ergue-se como ontologia do ser. O ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste estudo, a humanização é entendida como processo contínuo de evolução, compreensão dos direitos e deveres do cidadão, do saber ouvir, do querer bem, da reflexão crítica, da disponibilidade para o diálogo, do respeito e da liberdade. Caracteriza-se, como uma competência que se desenvolve através da interação com pessoas, assim mobilizando para “ser mais”.

Este processo de humanização tem ligação com uma evolução interior, buscando ser uma pessoa melhor, você reconhecer o outro como igual, sendo tolerante, tendo cuidado, afeto e amor, ser consciente de que todos têm medos, anseios, qualidades e que todas estas qualidades e defeitos são intrínsecos do ser humano. E assim poder “ser mais”, construindo uma sociedade mais justa e acima de tudo tendo em sua base a verdadeira essência humana, onde se compartilha de uma mesma realidade, de uma mesma vida, para todas as pessoas (FREIRE, 1987).

Tendo como meta buscar o que seria “ser-mais”, a humanização, mostra-se como inegável devendo existir. Conhecer mais e de forma mais crítica a sua realidade é a forma que poderá buscar uma transformação da sua realidade (FREIRE, 1969). Freire traz dois caminhos: primeiro a humanização como vocação ontológica do ser e a desumanização como distorção dessa vocação:

Pois bem; se falamos da humanização, do ser mais do homem – objetivo básico de sua busca permanente – reconhecemos o seu contrário: a desumanização, o ser menos. Ambas, humanização e desumanização são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão somente a primeira, contudo, constitui a sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação (FREIRE, 1969, p. 127).

Transmite a noção de que o ser humano tem sua intencionalidade para ser humanizado. Sendo seres humanos temos nossa primeira vocação para humanizarmo-nos, “ser mais”, e fazendo isso da melhor maneira possível, buscando a união de todos, equilibrando as relações. Com isso tende a ter o viés humanizador, mesmo com toda a

modernidade indo contra esse processo, se houver essa união do “ser mais”, pode trazer a integração, harmonização e a evolução real da condição humana (FREIRE, 1969).

2.1 Educação do Campo e a Educação Popular

Quando falamos sobre educação do campo percebemos que temos poucas políticas educacionais voltadas para a valorização do homem do campo. E este é apenas um dos problemas encontrados nessa educação, educação que por motivos sociais e culturais é abandonada e inferiorizada. Como Batista afirma:

A Educação do campo constitui-se num paradigma de educação que comporta uma teoria e uma pedagogia embasada em princípios filosóficos, sociológicos, políticos e pedagógicos que se ancoram, na Educação Popular inspirada em Paulo Freire, nos pensadores da educação socialista e na chamada pedagogia do movimento (BATISTA *apud* CALDART, 2004, p. 01).

Buscando a compreensão desse conceito de educação se faz necessário entender à luta do camponês pela terra, pelo trabalho, pela vida e por seus direitos sociais, políticos e econômicos que foram determinados pelos colonizadores portugueses estando no modelo agrário brasileiro moldando as estruturas e tendo uma organização com base no poder dos donos das terras. (BATISTA, 2016). De acordo com Batista:

Esse modelo social ocasionou desigualdades sociais, exploração, dominação e negou o direito à terra aos trabalhadores do campo, negou direitos sociais e humanos entre eles o direito à educação. No âmbito cultural e político essa formação social forjou uma negação da cultura do campo da agricultura familiar e do camponês como algo negativo, atrasado, ignorante menosprezando aqueles que vivem no campo e que vivem do trabalho com a terra (BATISTA, 2016, p. 01).

Gerando conflitos que fizeram com que os povos do campo se organizassem em suas lutas, tendo diversas táticas e organizando-se para tais ações. “Nas lutas dos movimentos sociais estiveram presentes: a terra para viver e trabalhar, conquista de direitos, contra a escravidão, a exploração, a dominação, pelo direito à vida, direito à participação política, reconhecimento cultural, étnico, de gênero”. (BATISTA, 2016, p. 01).

A partir dos anos 1980 na Educação do Campo se tem diversas lutas, com os movimentos sociais surgem os questionamentos referentes à estrutura agrária que existe e que persiste, como também reivindicação da reforma agrária e mudanças sociais, buscando igualdade na sociedade brasileira. Contudo nos anos 1990 os movimentos entendem que além de políticas a educação deve ser implementada, assim desenvolvendo as comunidades. (BATISTA, 2016).

A partir daí os assentamentos fazem uniões com universidades e instituições públicas colocando em questão políticas educacionais para garantir o acesso à educação de todos os que vivem no campo. Uma escola que possa garantir a diversidade social, cultural dos diversos agentes que estão inseridos no campo. Como afirma Batista à educação do campo pode ser definida assim:

A Educação do Campo tem como base de sustentação a valorização da vida do campo visando construir políticas públicas que garantam o direito dos povos do campo de trabalhar e estudar no campo estabelecendo relação de solidariedade e sustentabilidade nas relações entre a educação, Agricultura Familiar e os demais aspectos culturais e produtivos dos povos do campo. Também busca fortalecer a formação humana para a emancipação, promover uma reflexão crítica sobre as contradições da sociedade opressora valorizando uma sociedade solidária, igualitária, ambientalmente e socialmente sustentável. Para tanto, enfatiza a valorização e o respeito aos costumes da tradição e aos modos de vida e de trabalho dos trabalhadores do campo e reforçar o pertencimento a um lugar, a uma comunidade, a um assentamento. A cultura que marca a identidade camponesa toma sentido num conjunto de práticas sociais e de experiências humanas que vão se organizando enquanto modo de vida que articula tradição, objetos, condutas, convicções, valores e conhecimentos característicos dos sujeitos que vivem no e do campo (BATISTA, 2016, p. 02).

A Educação do Campo nasce dos movimentos sociais e é dedicada aos agentes com finalidade de desenvolver sujeitos numa expectativa emancipatória. Para Batista é:

A Educação do campo desponta como um paradigma de educação que nasce da classe trabalhadora camponesa, dos anseios e experiências dos movimentos sociais populares do campo. Essa proposta compõe-se de uma política educacional fundamentada num corpo teórico conceitual e pedagógico que envolve fundamentos filosóficos, sociológicos, epistemológicos, pedagógicos e uma proposta curricular que questiona e busca se diferenciar da educação hegemônica, que impõe um modelo oficial de educação que se vem destinando às escolas do meio rural, com a feição da Educação rural, e busca proporcionar uma apropriação

da educação e da escola pública pela comunidade escolar e pelos movimentos do local onde ela se localiza (BATISTA, 2009, p. 211).

Os fundamentos teóricos e metodológicos da educação do campo para as escolas são: uma formação humana que preza pela educação em todos os âmbitos; ter um compromisso com a sociedade, sendo do campo e da agricultura familiar; gerar uma leitura crítica da realidade que possa contribuir para a transformação; valorizar a terra como meio de vida, cultura e produção. (BATISTA, 2016).

Nesse sentido, a identidade da escola do campo é definida a partir dos sujeitos sociais a quem se destina: agricultores/as familiares, assalariados/as, assentados/as, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, enfim, todos os povos do campo brasileiro (BATISTA, 2016, p. 02).

Com isso as escolas do campo precisam considerar as diversas grandezas do campo, sendo elas sociais, políticas, econômicas, de gênero, de etnia e etc. “A escola como lugar de formação humana, significa que ela não é apenas lugar de conhecimentos formais e de natureza intelectual”. (BATISTA, 2016, p. 02). A escola é ambiente para se debater as diferentes grandezas do ser humano. Contudo, o diálogo entre docentes e discentes funda-se na ação pedagógica. (BATISTA, 2016).

O materialismo histórico-dialético tem fundamento em classes que são demonstrações das relações sociais assim permitindo que se aprendam os problemas reais em sua essência, estes que são relativos à vida, ao trabalho e à educação. Ainda, atribui empenho com a realidade. Considerando a educação do campo como uma particularidade. A fim de compreender, necessitamos utilizar o recurso dialético, tendo por base a ligação entre o geral, o específico e o particular. (VENDRAMINI, 2009).

“Consideramos que a educação do campo é uma abstração se não for considerada no contexto em que é desenvolvida, nas relações que a suportam e, especialmente, se não for compreendida no âmbito da luta de classes, que se expressa no campo e na cidade”. (VENDRAMINI, 2009, p.5). De acordo com Batista:

A educação do campo recebe influência em seus fundamentos desses diversos pensadores e do educador Paulo Freire que apesar de não ser essencialmente marxista desenvolveu um pensamento educacional crítico e vinculado aos trabalhadores enquanto classe oprimida no capitalismo como uma contribuição para sua emancipação e para a transformação da sociedade capitalista enquanto sociedade fundamentada na opressão (BATISTA, 2009, p. 208).

Compreendida como uma extensão das lutas de classes e de concepções sociais, como um modelo de educação que abrange um entendimento, tem destaque com seus processos sociológicos, filosóficos, ontológicos, políticos, pedagógicos, com intuítos determinados. (BATISTA, 2009).

Para tanto a educação popular e a educação do campo mostram elementos pedagógicos que se baseiam na prática educativa libertadora e dialógica valorizando os conhecimentos e métodos. A Educação Popular expandiu e atualmente abarca vários campos da ciência. A educação popular nas conjunturas da Educação do Campo aponta para métodos educativos emancipatórios no aspecto pedagógico, no momento que a educação do campo cria e recria aliada a educação popular em diversas práticas, assim defendendo a democracia, as lutas e as ressignificações no âmbito social de uma forma geral.

A Educação Popular aponta para o ensino compreensível por intermédio de fundações de escolas primárias, tratava de instruir as instituições públicas com a intenção de acabar com o analfabetismo. No entanto, a partir da década de 1960, passa a se preocupar apenas a questão do analfabetismo e deixa de lado a questão da construção da criticidade, enfatiza a participação das classes menos favorecidas com o intuito de conscientizar os indivíduos por meio da educação que tem o seu intuito de fomentar a formação integral do indivíduo. Nas palavras de Saviani:

A expressão “educação popular” assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo à ordem existente (SAVIANI, 2013, p. 317).

Essa nova definição de Educação Popular desenvolveu-se e foi sustentada pelos Centros Populares de Cultura, Movimento Popular de Cultura e o Movimento de Educação de Base, todos eles corroborando com o intuito de modificar as composições sociais, dando valor à cultura do povo. A partir daí os Centros de Cultura foram se expandindo. Saviani (2013, p. 318) afirma que “a cultura popular se liga diretamente à ação política, pois, enquanto expressão autêntica da consciência e dos interesses e necessidades das massas, as prepara para a revolução”.

O ensino passou por diversas mudanças para chegar à Educação Popular a qual reconhecemos hoje, mas, isto não quer dizer que a educação popular estancou. A realidade do mundo no qual estamos inseridos é utilizada como modelo por diversas vezes para a implantação do processo educativo, contudo, a realidade em que está inserido o discente necessita ser o ponto de partida para que o mesmo tenha o seu desenvolvimento crítico por completo.

A educação popular ao longo do tempo tem adotado uma posição central e de extrema importância junto aos autores dos diferentes espaços de estudo tanto do conhecimento humanístico quanto do social, dentre os quais temos projetos de intervenção e de propostas para os diversos setores, onde a população está inserida, estes que são os agentes centrais da mudança proposta pela Educação Popular. (STRECK, 2008).

A Educação Popular é apresentada como resultado histórico latino-americano, ligado ao processo sociocultural do continente, como prática é ligada ao ato de educar, como também a diversas ações ou práticas educativas plurais, com diferentes características e muita diversidade, contudo, está ligada com a intenção de transformar e formar o indivíduo. Como teoria é resgatada como uma pedagogia, que visa à transformação e a reelaboração do ato de educar, buscando a mudança (PALUDO, 2003). Contudo, como diz Mejía:

Nessa perspectiva, afirmamos que a Educação Popular continua sendo construída como uma área em desenvolvimento, acumulando uma tradição que já tem uma existência centenária e que é atual, na medida em que faz uma releitura da realidade, na qual tenta dar resposta e empoderar os excluídos e segregados (MEJÍA, 2002, p. 206).

A Educação Popular advém de uma reformulação tendo como princípio a realidade, dessa forma é imprescindível modificar os métodos e as táticas principalmente com aqueles que sofrem com o domínio capitalista. A Educação Popular adentra na educação como forma de mudança, se faz necessário que a Educação Popular proponha discursos de formação crítica e consciente, dessa maneira entrará com força na educação, visando modificar as propostas de maneira prática. (MEJÍA, 2002). Assim Paludo entende como:

Uma nova compreensão do que seja ou de como deve se processar o poder popular. A construção do poder popular aparece como processo

de empoderamento na perspectiva de traçar e concretizar os rumos da história individual e coletiva. Reforça-se a dimensão do empoderamento da autonomia e do protagonismo. A expressão do poder popular é colocada em termos de o popular colocar-se na sociedade – esfera pública – em condições de ter “voz e vez”, o que pressupõe que se institua como sujeito individualmente e coletivamente (PALUDO, 2003, p. 56).

Modificar os arranjos da sociedade, que trazem consigo muita injustiça, exclusão, exploração e segregação. Tornando os agentes locais mais confiáveis, ratificar o conhecimento popular e suas diversas formas de resistência, dando vez e voz às práticas que visam legitimar as diferenças e as diversas culturas, tendo uma conotação que vai contra o capitalismo desenfreado, buscando opções para as classes excluídas da sociedade como um todo (MEJÍA, 2002).

Com isso, estabelece uma prática educativa que tem como elemento fundante a educação libertadora. Não é uma forma qualquer de educação, é uma educação que busca a libertação dos indivíduos, tornando-os mais conscientes dos seus deveres e dos seus direitos. É uma educação que visa à humanização, a liberdade e a busca da compreensão crítica, esta que tem em seu papel fundamental acabar com a opressão que existe, mesmo que a opressão esteja dentro do oprimido ou nas suas relações, as que eles se identificam como “menores” (FREIRE, 1987).

O mundo de uma forma geral está passando por diversas mudanças científico-tecnológicas e a cada dia estão avançando mais e mais, a tecnologia e a informática, hoje estão ocupando um espaço significativo na vida dos indivíduos. A maioria das famílias hoje não compartilha de momentos em que se têm um diálogo construtivo dentro de suas próprias casas, não trocam afeto. Uma busca incessante por ter mais, acaba tornando os indivíduos cada vez mais restritos a seu próprio mundo, isso acaba enfraquecendo os laços afetivos e as relações se tornam cada vez mais superficiais. A escola de hoje é mais uma reprodutora desse enfraquecimento dos laços afetivos, pois, enfatiza os conteúdos, estimulando a competitividade e o individualismo exacerbado. Acredita que a “qualidade da educação” é certificada exclusivamente por ter um maior agrupamento de conteúdos, como também o currículo que pode abranger uma quantidade maior de disciplinas (HENZ E TONIOLO, 2014).

Na maioria das escolas as práticas são voltadas para privilegiar o individualismo e no conformismo social, através do docente e da maneira como ele se relaciona, na forma

como desenvolvem os conteúdos, que por vezes é totalmente fora do contexto social do discente (HENZ E TONIOLO, 2014).

É visando os conteúdos que privilegiem a consciência crítica que podemos ter educadores e educandos que busquem sempre desenvolver uma educação voltada para a transformação da realidade.

Que esses conteúdos procurassem ficar o mais próximo possível da história, da vida dos cidadãos que se encontram inseridos no mundo e que fazem parte dele.

Compreender que fazemos parte de um processo de constituição e de afirmação este que serve como suporte para nos libertar permanentemente da visão determinista e imobilizadora, a que inviabiliza a possibilidade de transformação dessa condição de exploração. Diferente disso a capacidade crítica e criadora na qual os cidadãos erguem hipóteses sobre o mundo, intervindo nele, instituindo e conseguindo recriar a sua cultura e a sua história. (LEITÃO, 2015).

Diz-se que é reservado o ensino de conteúdos como meio para ter acesso ao saber. Contudo as relações humanas com seus gestos e palavras, cheios de significações ocorrem em todos os lugares da existência humana, sejam em espaços escolares ou não.

Mediante a urgência que é modificar a sociedade por meio do processo humanizador, o caminho para ser percorrido para que se tenham diversas opiniões de como elaborar uma educação moderna é o caminho da libertação de qualquer opressão (GONSALVES, 2015).

Os métodos formativos fundam-se no campo das semelhanças sociais, definidas fundamentalmente pelo trabalho. As escolas, em si, não são apropriadas para promover mudanças maiores, colocando a necessidade de uma estreita conexão com as composições materiais da vida, com o trabalho. A base da educação e da escola está na probabilidade sólida dos agentes produzirem os meios de vida no campo, ter acesso a terra, as ferramentas de trabalho, à técnica, ao conhecimento, entre outras. (VENDRAMINI, 2009).

Continuar discutindo sobre a educação do campo em seu significado geral. É sucinto questionar: para qual campo e população? qual educação? Necessitamos nos movimentar, enquanto fabricação de teorias e influência política, em volta de uma educação do campo para a classe trabalhadora. Resgatar o trabalho como princípio nas apreciações sobre a educação do campo e sobre os movimentos sociais, a educação só pode ser refletida em condições sólidas e, principalmente, as opções atuais. Defender uma educação do campo como confirmação e saber a importância de uma realidade de

trabalhadores e trabalhadoras do campo que resistem e continuam sua vida no ambiente rural. (VENDRAMINI, 2009). Como afirma Vendramini:

E, especialmente, o reconhecimento de que esta realidade precisa ser alterada, tendo em vista a crescente pobreza, o desemprego, as grandes desigualdades sociais e as dificuldades de acesso às políticas públicas (saúde, educação, transporte, infraestrutura etc.). Portanto, pensar um projeto de educação do campo pressupõe a sua sustentabilidade em termos econômicos, sociais, culturais e ambientais (VENDRAMINI, 2009, p. 10).

O princípio da Educação do Campo que defende os conteúdos curriculares, os conhecimentos de ensino necessitam ser situados de acordo com a realidade do educando, esse que deve ser o tema inicial para debater as dificuldades e assuntos da realidade camponesa aparelhada por meio de temas geradores. (BATISTA, 2009). “Esse princípio está concatenado a ideia marxista que afirma que para compreender o que os homens pensam é necessário desvendar as condições materiais concretas em que eles produzem seus meios de subsistência, pois elas definem suas ideias e representações”. (BATISTA, 2009, p. 211)

Conhecer a realidade e o conhecimento camponês permite um método que tem a criticidade como ponto chave, sendo esta a ligação para que o indivíduo se torne um agente político crítico do seu momento como também da sua transformação. (BATISTA, 2009). Como discorre Batista:

As perspectivas de emancipação humana, a libertação dos trabalhadores requer o domínio do conhecimento, o desmantelamento da propriedade privada e da dominação de classe. É nessa perspectiva que credito à educação o papel de promover uma reflexão sobre os processos e artimanhas da opressão e da dominação aliando-se às lutas dos oprimidos pela sua libertação. Com a luta pela reforma agrária e pela organização do trabalho e de relações sociais sob o signo da emancipação, pela superação da sociedade de classes retoma e atualiza a esperança e utopia de uma outra sociabilidade onde a autonomia e emancipação sejam parte intrínseca da sociedade, nessa mudança a educação assume um importante papel no processo de transformação (BATISTA, 2009, p. 215).

Assim para quebrar a ação que aliena é de extrema importância ofertar uma educação que se baseie na realidade do camponês, com conteúdos que problematizam, faz refletir e encontrando esclarecimentos tendo a ciência como base para tal ação. (BATISTA, 2009).

O ser humano é para se desenvolver, dentro da sua conjuntura, desenvolver todas as suas competências, buscando adequar-se neste vasto leque de relações que a vida lhe proporciona, sendo no mundo e com o mundo, podendo ser intrapessoais, interpessoais, estéticas, de gênero, de etnia, etc.(MEDEIROS, 2013).

O interesse do ser humano é ser sujeito e não objeto. Sujeito na história e da sua história. A qual não se pode construir sozinho, mas em conjunto com a sociedade, onde homens e mulheres mostram-se capazes de “ser mais”, mostrar seu lado mais humano, superando situações de desumanização. (FREIRE, 1987).

Assumindo que este seja o principal problema da humanidade o papel da humanização, Freire entende que os seres humanos estão sempre em um processo de humanização, contudo, devido às situações que a história proporcionou os homens encontram-se desumanizados, tornando-se necessário essa tomada de consciência, enxergar-se como ser desumanizado esse é o primeiro passo para a sua própria libertação. (FREIRE, 1987).

Uma educação libertadora, visando à humanização dos sujeitos, é expressa quando os docentes e os discentes tem uma atuação crítica no aprender e ensinar, quando sistematizam os estudos, nas suas relações, no discurso, em tudo deve haver coerência. Com esta proposta educacional, é necessária ter respeito e dar valor. Faz-se necessário partir dos docentes esse respeito e esse valor, sendo atribuído aos saberes adquiridos pelos discentes, isso contribui para expandir a visão dos discentes, para que eles percebam os problemas sociais que perpassam a escola, sendo possível conviver com as diferenças. (FREIRE, 1987).

Uma educação com vias para a humanização do ser se faz necessário quando pensamos na educação do campo, uma educação que preze pelos direitos e que acima de tudo busque compor a realidade e transforma-la para fazer um ser mais crítico e consciente das suas ações no mundo e para o mundo.

Na estrutura que se baseia a Educação do Campo, a Educação Popular está inserida como uma compreensão da sociedade, do ser humano e da educação, que traz uma proposição de conhecimento tornando-se instrumento de luta e emancipação. A Educação do Campo tem no seu âmago elementos pedagógicos da Educação Popular assim pensando uma educação que forme o cidadão em uma perspectiva emancipatória, que está em diferentes contextos sendo eles históricos e sociais com suas relações dinâmicas e diversificadas, uma construção crítica e problematizadora, educar para superar a prática dominante e conseguir construir uma prática da liberdade onde, docente

e discente são agentes desse processo, dialogando e construindo o saber sobre uma análise crítica das relações entre os sujeitos e o mundo, uma educação que humanize o ser, no sentido de ser mais consciente sobre suas ações no mundo e com ele. Pensando em uma educação que transforma e liberta, a educação popular mostra elementos que são essenciais para tal processo nas escolas do campo. A educação como um processo contínuo, contudo, precisa reconhecer as opressões que a sociedade emprega. O caráter histórico e relacional que caracteriza os seres humanos se mostra como fato fundante e que tem relação com o método pedagógico docente que tem a preocupação com concepção do ser humanizado.

Essas práticas fundamentadas tem impacto direto na Educação do Campo, tendo em vista, que a partir daí possam exercer o domínio do seu tempo e do espaço em que estão inseridos, já não são passivos, não se submetem às implicações que existe em seu contexto, contudo são sujeitos aptos a refletir e intervir visando à mudança, está que se dá através da crítica e da emancipação.

2.2 Educação Emocional

Para adentrarmos na Educação Emocional começo apresentando o conceito de emoção. Para Damásio (2013), emoção é uma resposta que o organismo dá diante de um estímulo, a qual ele chama de EEC (Estímulo Emocional Competente). O EEC é todo estímulo que é capaz de gerar uma emoção, podendo este ser uma pessoa, uma situação ou um elemento. Estímulo que pode ser interno (lembrar-se de alguma situação que te deixa alegre, ou de uma pessoa que ao se recordar dela você sente saudade) ou externo (quando uma criança sorri para você, você também sorri, ou quando presencia uma situação na qual alguém está sendo humilhado e isso te deixa furioso), em ambos os casos uma emoção é gerada, suscitando alterações fisiológicas.

O EEC faz o corpo reagir imediatamente, entrando em um estado de excitação, de inquietação. A emoção discorre sobre nós, indicando o que é significativo, o que temos apreço, assim produz ações no corpo (DAMASIO, 2013). Para Casassus (2009), a emoção tem início para nós como uma agitação no nosso corpo, assim é importante ter a consciência de que as emoções são caracterizadas por sensações. Sendo estes através da visão, a audição, o olfato, o tato ou o paladar. Essas sensações indicam a presença da emoção. Assim quando estamos realizando algo que nos agrada, nos sentimos felizes. Quando estamos fazendo algo que não agrada, sentimos raiva.

Para mim, as emoções são energias vitais. Trata-se de um tipo de energia que une os acontecimentos externos aos acontecimentos internos. Por essa qualidade de ligar o externo com o interno, as emoções estão no centro da experiência humana interna e social. São um modo de relação entre o interno e o externo, de internalização e externalização, unidos por uma energia que é uma disposição para agir. Como acabamos de dizer as emoções são uma energia vital (CASASSUS, 2009 p. 87).

Para Gonsalves (2017), as emoções tem uma função essencial, sobretudo por serem alicerces para o ser humano se desenvolver. Tem influência nos traços típicos, na conduta e na saúde.

A emoção é uma reação. A ideia de reação significa algo que se manifesta em um corpo pela ação feita por algo que lhe é exterior. Reação é a resposta a um estímulo, a uma ação provocada por um agente. Por sua vez, a ação é o que acontece mediante uma iniciativa, não é uma resposta a uma provocação (GONSALVES, 2017 p. 17-18).

Damásio (2000) fez uma classificação das emoções, onde as colocou em três grupos: emoções primárias, emoções sociais e de fundo. Vejamos cada uma a seguir:

- Emoções primárias: conhecidas também como emoções básicas. Consideradas inatas ou as que não podem ser aprendidas, assim, são emoções que estão presentes em todos os indivíduos da nossa natureza, isso independe dos fatores socioculturais. Significando que a sua identificação é fácil nas varias culturas, por isso são consideradas universais. Existem seis emoções que são consideradas primárias: alegria, tristeza, medo, nojo, raiva e surpresa.
- Emoções sociais: também chamadas como emoções secundárias são mais complexas e estão sujeitas a fatores socioculturais. Variam com a cultura, com o conhecimento prévio e com a sociedade em que o indivíduo está inserido. Por exemplo: culpa, vergonha, simpatia, compaixão, embaraço, orgulho, inveja, gratidão, admiração, espanto, indignação, desprezo, dentre outras.
- Emoções de fundo: atreladas com o bem-estar, mal-estar, com a fleuma ou tono. Os estímulos indutores dessas emoções frequentemente são internos, causados por processo mentais ou físicos consecutivos levando o organismo a uma condição de tensão ou de relaxamento, cansaço ou vigor, aflição ou preocupação.

Nessa emoção, o principal papel é exercido pelo meio interno e pelas vísceras, contudo expressam-se com alterações complexas musculoesqueléticas, como mudanças suaves na atitude corporal e na forma global dos movimentos.

Tudo o que mobiliza e gera uma ação é decorrente de uma emoção. A nossa capacidade de indignação, de solidariedade, a coragem para contestar, a determinação para se posicionar, tudo isso nasce no campo da emocionalidade. A nossa capacidade de avaliar o ambiente que nos rodeia e as emoções que realizamos a partir daí, decorrem da nossa vivência emocional (GONSALVES, LIMA, 2015 p. 12).

Diversos contextos explicam a Educação Emocional como área de influência e de estudos fundamentais para o exercício do método pedagógico. Vários argumentos são destacados por Bisquerra (2000) dentre eles os seguintes:

- A essência da educação sugere a ampliação da individualidade total dos discentes. Esta ampliação indica, pelo menos, dois aspectos: o cognitivo e o emocional. A priori, a educação vem dando destaque ao primeiro aspecto, e deixando de lado o segundo; é necessário equilibrar assim garantindo o desenvolvimento completo da pessoa.
- A educação é um método que se dá através das relações interpessoais e, com isso, é carregada de elementos emocionais. Assim, é essencial que os educadores fiquem atentos para as diversas influências que as emoções causam no processo educativo, na maneira como os indivíduos estão lidando com suas emoções, tendo em vista que elas distinguem como as pessoas se relacionam.
- Análises explanam altos índices de fracasso escolar e dificuldade na aprendizagem. Essas situações provocam estados emocionais como apatia, depressão, chegando ao suicídio; ou raiva, ódio, chegando ao bullying ou a outros tipos de violência.
- Os indivíduos sucessivamente recebem estímulos que produzem tensão emocional, como notícias (guerras, violência, desastres naturais), doenças, conflitos familiares, problemas no trabalho, que causam irritabilidade, ansiedade, depressão, problemas de relacionamento. O elevado índice de venda de medicamentos antidepressivos – o Prozac, hoje está entre os medicamentos mais vendidos no mundo – isso é um indicativo de que a sociedade está sofrendo com sérios problemas emocionais enquanto fenômeno social.

- A sociedade vem evoluindo cada vez mais quando se trata de tecnologias; contudo sofre de um intenso analfabetismo emocional, que se revela por meio de uma enorme falta de conhecimento que os indivíduos têm sobre as emoções.

A educação emocional pode ser mais uma ferramenta de libertação no processo pedagógico. As raízes da pedagogia da libertação estão entrelaçadas com a afirmação dos direitos humanos, até então negados por regimes ditatoriais, que promoviam a desumanização e a despersonalização. Nessa perspectiva, libertação significa o restabelecimento do direito de alfabetizar-se, de participar politicamente, de criar cultura, enfim, de exercer plenamente sua cidadania (GONSALVES, LIMA, 2015 p. 14).

Gonsalves (2015) apresenta um conceito multidimensional da emoção, onde classifica em três dimensões, que são:

- A dimensão neurofisiológica que se refere especificamente aos movimentos os quais não controlamos, são eles: pressão sanguínea, respiração, taquicardia. Vale ressaltar que não conseguimos controlar a emoção, tendo em vista que ela é uma resposta imediata do organismo. Podemos adequar nossas ações diante o estímulo, é uma ação que vem logo depois da reação e do pensamento, contudo as emoções são involuntárias, e conseguimos identificá-las ao reconhecer a dimensão neurofisiológica das emoções.
- A dimensão é a comportamental que se refere às expressões corporais, o tom de voz, os movimentos do corpo e etc.
- A dimensão cognitiva, que nos permite rotular a emoção, é uma vivência que passa pelo intelecto.

Em termos de síntese podemos afirmar que a emoção é uma resposta que o indivíduo dá mediante elementos desencadeadores (excitação ou perturbação), que provoca sensações agradáveis ou não, porém vinculada à necessidade humana de adaptação (POSSEBON, 2017, p. 19).

Para que a emoção aflore é necessário um estímulo, algo que tenha acontecido que cause o seu surgimento. Podendo este ser algo externo (alguma situação) ou interno (um pensamento); podendo ser atual, do passado ou futuro; imaginário ou real; inconsciente ou consciente. Com isso o indivíduo pode se emocionar quando for submetido a uma ação externa a ele, ou também, por trazer com ele, por meio das suas vivências, marcas e histórias, assim despertando conteúdos que podem emocioná-lo (POSSEBON, 2017).

As emoções desempenham um papel central nas nossas vidas, especialmente por serem estruturantes no desenvolvimento de uma pessoa. Elas influenciam a personalidade, estão nos comportamentos, têm impactos na nossa saúde. Além disso, as emoções estão na fonte da aquisição de competências fundamentais para lidar com exigências sociais, que clamam por pessoas com disposição para trabalhar em grupos e que tenham capacidade de estabelecer relações interpessoais harmoniosas e saudáveis (POSSEBON, 2017, p. 79).

A Educação Emocional esquia-se dos padrões clássicos, os que se concentram apenas no cognitivo, onde é priorizado o intelecto em detrimento do emocional. A Educação Emocional está preocupada com o desenvolvimento integral do ser humano, visando potencializar suas capacidades sem que haja distinção.

Saber de si, na sua inteireza, faz parte do processo libertador de todas as pessoas. Enquanto um direito humano, o conhecimento da própria emocionalidade pode colaborar no desenvolvimento de práticas com mais autonomia e solidariedade. Esta é a grande aposta da Educação Emocional (GONSALVES, LIMA, 2015 p. 15).

Este processo começa já no nascimento e dura por toda a vida. E por começar tão cedo, a família tem um papel fundamental. O ambiente familiar é de extrema importância na educação do indivíduo, com isso, não deve ser apenas os professores que devem conhecer este assunto, a família deve estar envolvida como um todo. A educação implica mudança de conduta, conhecimento que me modifica. E educar com essa perspectiva “é descobrir-se enquanto ser aprendente da vida” (GONSALVES, 2009, p. 61).

Com o objetivo de que a Educação Emocional possa desenvolver competências emocionais que vão fazer com que o indivíduo se sinta bem tanto no lado pessoal quanto no social. Se sentindo bem o indivíduo, tende a reagir de maneira mais apropriada às várias situações, sejam elas de conflitos que por ventura se apresentem no dia-a-dia, com isso conseguira se relacionar de maneira adequada com as pessoas que ela convive como também obter um bom desempenho nas suas atividades. Contudo, se faz necessário reconhecer suas emoções e entender como elas aparecem, não exclusivamente em você, como aparecem no outro também.

As emoções tendem a isso, de acordo com Damásio, as emoções tendem à regulação da vida, esta de forma direta ou indireta e são adaptativas. Damásio entende que:

O fato de que certas emoções acabam por ser pouco ou nada adaptativas, em certas circunstâncias humanas atuais, não nega de forma nenhuma o papel adaptativo que essas funções desempenharam na regulação da vida em fases bem diferentes da evolução. Numa sociedade moderna a zanga é contraproducente, assim como a tristeza. As fobias são um enorme obstáculo. E no entanto é evidente que a raiva e o medo salvaram numerosas vidas ao longo da evolução. Essas reações prevaleceram na evolução exatamente porque levaram à sobrevivência, direta e automaticamente, e ainda estão conosco porque continuam a desempenhar um papel valioso, em certas circunstâncias (Damásio 2013, p. 47-48).

Partindo desse pressuposto, para Casassus (2009), a Educação Emocional faz com que possamos viver melhor mais motivados e fortalecendo o anseio de roborar nossa competência de conhecer melhor o mundo emocional e também conseguir distinguir as emoções dos outros, quando tivermos interação com os outros, que essa interação seja de forma consciente e de entendimento emocional.

É importante reconhecer o poder das emoções no que concerne a sua capacidade de nos revelar a nós mesmos e de fazer com que sejamos pessoas melhores, vivendo uma vida mais plena e consciente. A educação emocional trata disso. É possível aprender experimentando, analisando e compartilhando. Mas o conhecimento das emoções não é adquirido somente pelas palavras. Aprende-se muito mais por meio das ações, vivendo num contexto de apreço verdadeiro, de tolerância, vendo bons exemplos de inter-relações, vivendo essas inter-relações (CASASSUS, 2009 p. 24).

Para tanto é preciso saber que “na educação emocional, estamos longe do âmbito do conhecimento estruturado e ordenado do que deve ser conceitual” (CASASSUS, 2009 p. 134). Sendo uma educação que não é apenas para adquirir capacidades, e sim uma educação de conexão, a qual educadores e alunos fazem parte concomitantemente. “Quando entramos no caminho dessa aprendizagem, sabemos onde estamos no início, mas não sabemos aonde ele nos levará, porque o fim do caminho está dentro de nós e, ao final, teremos outras características” (CASASSUS, 2009 p. 134). Na educação emocional, não sabemos onde ela pode nos levar, mesmo tendo consciência de onde estamos e como começamos. A educação emocional possibilita transformar a nossa vida pessoal e profissional.

Segundo Casassus (2009 p. 134), conhecer as emoções é fundamental para viver, pois é um elo entre a realidade interior com a exterior a qual vivemos. “É uma ponte que apresenta riscos, como as pontes de cimbres para atravessar os rios nos despenhadeiros,

porque, como mencionamos antes, implica investigar aquilo que está no nosso inconsciente”. Quando conhecemos o nosso emocional, nós nos conhecemos melhor.

Para Gonsalves (2017), a educação emocional é vivencial, integral e inespecífica. A educação emocional surge como indispensável na prática educativa e social, com o intuito de desenvolver capacidades emocionais que contribuem para o bem-estar social dos cidadãos. Ocorre de maneira conjunta com o conhecimento e o autoconhecimento, viabilizando a ampliação da compreensão sobre as emoções e os sentimentos.

A educação emocional implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de competências e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e a agir no sentido de proporcionar o bem-estar. Nesses termos para educar-se emocionalmente é preciso libertar-se do estado de analfabetismo emocional e assumir uma nova condição cidadã, a de sujeito consciente do seu processo de empoderamento individual (GONSALVES, 2017 p. 9).

As emoções têm a ver com isso, elas visam à regulação da vida, de forma direta ou indireta, sendo adaptativas. A emoção é extremamente importante para a sobrevivência. O uso das operações radicais, o uso dos substantivos, a revolução industrial, as regiões brasileiras, entre outros conteúdos que são ensinados ao passar do ano em uma escola de ensino regular. Quando falamos de Educação Emocional, não é bem assim que funciona o processo, já que este é um aprendizado que acontece durante toda a nossa vida.

Como afirma Bisquerra (2000), a educação emocional é um processo contínuo e permanente, que busca potencializar o desenvolvimento das competências emocionais como componente efetivo da evolução humana, com o intuito de habilitar para a vida, aumentando o bem estar social e pessoal. Partindo deste conceito podemos dizer que a educação emocional se desvia dos modelos clássicos, estes que tem sua atenção totalmente voltada para o cognitivo, dando ênfase ao intelectual e deixando de lado o que o corpo fala.

Visa desenvolver integralmente o ser humano, fomentando suas capacidades, contudo compreende que aprendemos de maneira integral. Desenvolver as competências emocionais é imprescindível para a ampliação integral da pessoa (BISQUERRA, 2000).

Los objetivos generales de la educación emocional pueden resumirse en los siguientes términos: adquirir un mejor conocimiento de las

propias emociones; identificar las emociones de los demás; desarrollar la habilidade para regular las propias emociones; prevenir los efectos nocivos de las emociones negativas; desarrollar la habilidade para generar emociones positivas; desarrollar la habilidade de automotivarse; adoptar una actitud positiva ante la vida; aprender a fluir, etc. (BISQUERRA, 2005 p. 97).

Conhecer melhor as próprias emoções, identificar as emoções nos outros, desenvolver capacidades para regular as emoções são alguns dos objetivos da educação emocional este processo que se inicia já no nascimento e ocorre durante toda a vida. A educação emocional é desenvolvida a partir da convicção das pessoas que querem por em prática, apontando argumentos sobre a sua necessidade e a sua importância (BISQUERRA, 2016).

Adquirir competências emocionais com a Educação Emocional irá proporcionar bem estar pessoal e social. A pessoa que se sente bem, que tem uma reação adequada às situações de conflito que se apresentam no cotidiano, vai, portanto conseguir se relacionar bem com as pessoas, como também conseguirá obter êxito em suas atividades. Contudo, é necessário reconhecer suas emoções, entender como elas se expressão não apenas em si, como também no outro (BISQUERRA, 2016).

Dentre os objetivos apresentados estão os de adquirir conhecimentos sobre suas emoções; reconhecer as emoções das outras pessoas; ampliar capacidades de regulação das emoções; conseguir lidar com as emoções de maneira que promova o bem-estar. Em resumo, a Educação Emocional pretende proporcionar o desenvolvimento de Competências Emocionais (BISQUERRA, 2016).

Competência Emocional está relacionada com um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis para compreender, expressar e regular de forma adequada as emoções (BISQUERRA, 2016). Uma gama de capacidades se desenvolve simultaneamente ao se desenvolver competências emocionais. A Consciência Emocional, que é estar consciente de suas emoções e das emoções das outras pessoas. Nesta capacidade a pessoa tem a sensibilidade de compreender o clima emocional que está no ambiente a qual ela é inserida, tem a consciência das emoções dela e das emoções nas outras pessoas e consegue identificar cada uma delas (BISQUERRA, 2016).

Outra capacidade é a de Regulação Emocional. Nela a pessoa é capaz de manejar as próprias emoções. Aqui a pessoa reconhece a relação entre emoção, cognição e comportamento, e utiliza esta habilidade para estabelecer estratégias de ação perante as situações que são agentes da emoção. Esta que regulada emocionalmente escolhe o que

vai expressar. Não controla a emoção, porém o comportamento que externa é o que ela avalia ser o acertado diante dos acontecimentos e o faz de acordo com o impacto que irá originar aos outros. Não aparenta ser uma pessoa descontrolada, e sim como alguém que é capaz de gerir o seu bem estar subjetivo, assim obtendo uma melhor qualidade de vida (BISQUERRA, 2016).

Apresenta ainda a Autonomia. Uma pessoa autônoma amplia o senso de autoestima, isso faz com que ela fique satisfeita consigo, tendo uma boa imagem de si. Com isso, é otimista e assume suas responsabilidades, constantemente se motivando e tendo atitudes benéficas diante das situações vivenciadas (BISQUERRA, 2016).

A educação emocional implica o conhecimento e o autoconhecimento de questões pertinentes ao universo emocional, além da aquisição de conhecimentos e habilidades que poderão proporcionar a consciência e a modulação das ações, de forma a aprender sentir e a agir no sentido de proporcionar bem-estar. Nesses termos, para educar-se emocionalmente é preciso libertar-se do estado de analfabetismo emocional e assumir uma nova condição, a de sujeito consciente do seu processo de empoderamento individual (POSSEBON, 2017 p. 9).

Considerar a Educação Emocional não como complemento, mas como fator imprescindível para uma ampliação total da pessoa, como forma de fugir da “escola da tristeza”. Enfatizar apenas no cognitivo não é segurança de resultados almejados. Desenvolver as pessoas como se fossem máquinas, é uma declaração de limite oferecido por uma instituição escolar.

3. DIÁLOGOS COM DADOS EMPÍRICOS

A importância desta investigação está no fato de a educação para a humanização ser fundamentada em princípios éticos responsáveis, olhando sempre para a conscientização do ser. Assim, a humanização da educação é processo e produto, nasce e é conquistada através de determinação e varias lutas de educadores transformadores (LEITÃO, 2015). De acordo com Freire:

Presentificados como objetos no mundo da consciência dominadora, não se davam conta de que também eram presença que presentifica um mundo que não é de ninguém, porque originariamente é de todos. Restituída em sua amplitude, a consciência abre-se para a “prática da liberdade”: o processo de “hominização”, desde suas obscuras profundezas, vai adquirindo a translucidez de um projeto de humanização. Não é crescimento, é história: áspero esforço de superação dialética das contradições que entretecem o drama existencial da finitude humana (FREIRE, 1987, p. 12).

Desse modo, a intenção foi trazer a humanização como processo na educação a partir do entendimento, dos saberes e da realidade, considerando suas potencialidades. Compreendendo que a educação pode desempenhar papel fundamental na transformação dessa realidade, com um método de ensino e aprendizagem que beneficiem a reflexão crítica, criativa e dialógica. O fazer humanista e libertador, onde os agentes que estão submetidos à dominação, lutem por sua emancipação (FREIRE, 1987). “Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador “bancário”, supera também a falsa consciência do mundo” (FREIRE, 1987, p. 49).

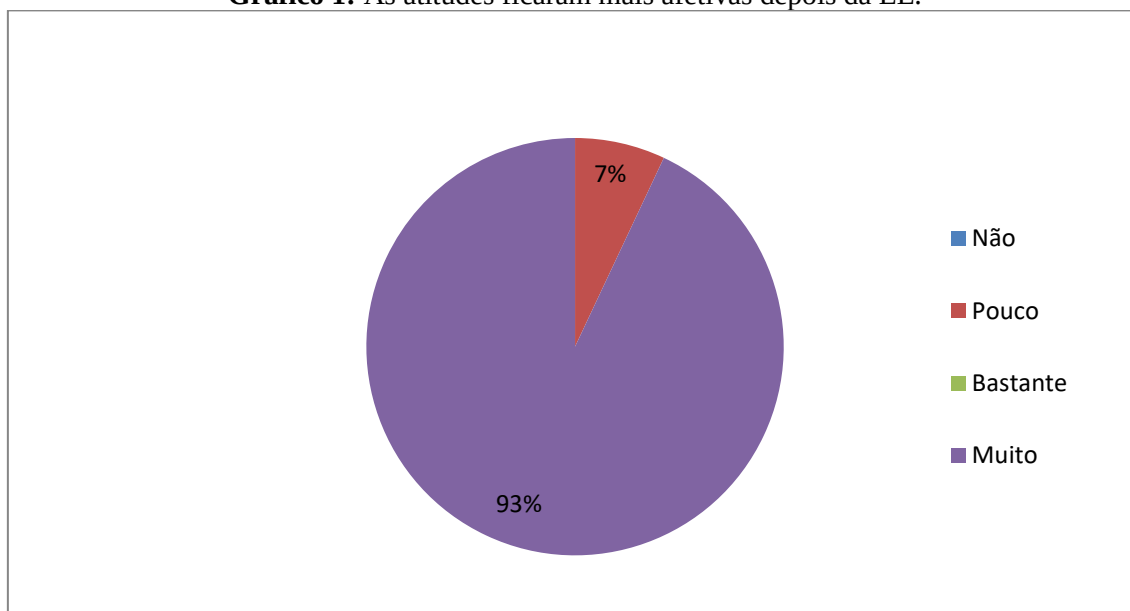
O desenvolvimento humano acontece, nesse sentido, com o método de ascensão humana, movido em decorrência da educação, E essa complexidade do ser humano pode ser situada nas afinidades educativas, por meio da experiência do ser humano, de gente tendo convivência com gente, de um plano claro, de objetivos determinados e de conteúdos que considerem as diversas extensões da vida, em um sucessivo método de “educar-se”, de “vir a ser”. Logo, a grande função do docente incide em exercer a expectativa no ensino, na educação, nos discentes e em si mesmo, começando pela humanização dos métodos pedagógicos (TONIOLO; HENZ, 2014).

Apresento os dados da pesquisa em gráficos que representam as respostas das perguntas que foram aplicadas. Um questionário com 63 questões, aplicado em 32

participantes, contudo me detenho a análise de 7 questões que são pertinentes ao tema escolhido assim apresento os gráficos da pesquisa e suas respectivas análises.

No gráfico a seguir podemos verificar a primeira questão apresentada:

Gráfico 1: As atitudes ficaram mais afetivas depois da EE.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados da pesquisa mostram que 93% dos professores afirmam que suas atitudes ficaram muito afetivas depois da formação em Educação Emocional, enquanto que apenas 7% registram que suas atitudes ficaram pouco afetivas depois da formação em Educação Emocional. É digno de destaque que a questão Não apresenta 0% como também a questão Bastante, a apresenta a mesma porcentagem. Retificando a importância do curso de formação em Educação Emocional no desenvolvimento da afetividade por parte dos professores.

O tema da autoridade do educador, diz respeito à segurança e ao conhecimento do professor como condição para se fazer respeitado. Na qual o docente não precisa ter uma atitude que faça com que o discente se distancie dele. O curso de educação emocional proporciona essa aproximação e contribui para que o professor consiga olhar os educandos com respeito, baseado em relações éticas transforma o espaço pedagógico e faz esse espaço ser um espaço formador do ser. Respeitando o aluno, o professor consegue tornar a sala de aula agradável e assim fomentar a criatividade dos alunos.

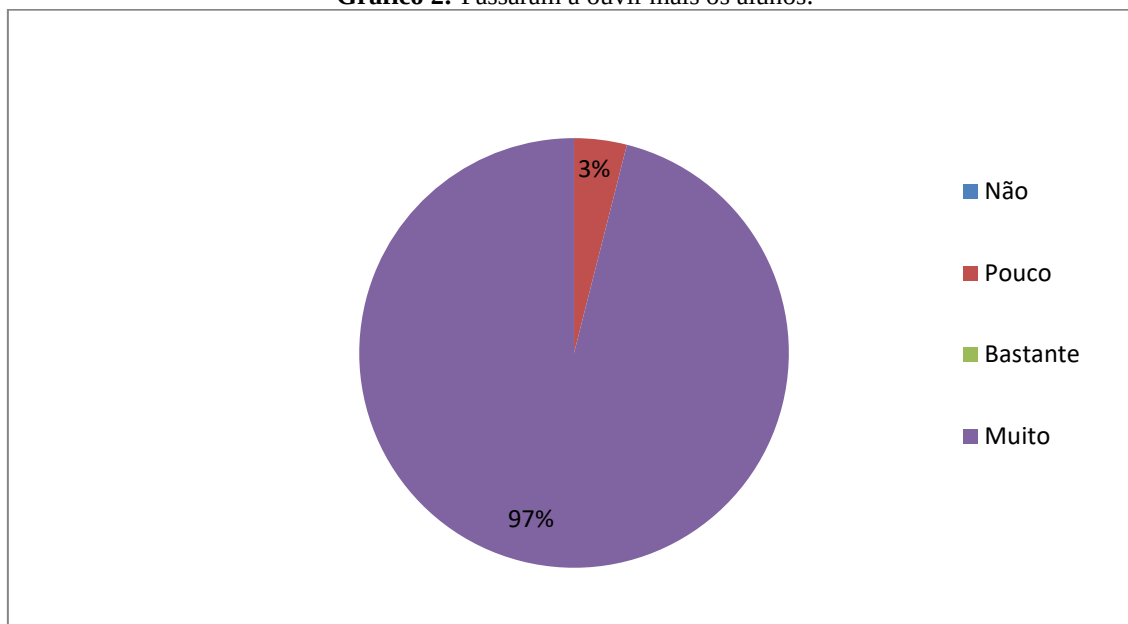
Pode-se distinguir dois tipos de autoridade docente: a mandonista e a democrática. A autoridade mandonista preza pelo prazer de mandar, não quer que o educando tenha criatividade nem tão pouco revele o prazer em arriscar-se, enquanto que a autoridade

democrática preza pela liberdade, desafiando e estimulando, não enxerga nessa liberdade uma degradação da ordem, fomentando a criticidade por parte dos educandos instigando a criatividade, partindo da ética, na qual se reconhece a participação de cada um no mundo (FREIRE, 2011).

A liberdade é um componente fundamental do processo educativo. Para o educando a liberdade é necessária para o seu crescimento, estimula a criticidade a tomada de decisão e é fundamental para que o educando, tenha mais responsabilidade sobre suas ações: “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdades, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 2011). Fomentar a autonomia a criticidade para que o educando possa ter uma consciência crítica é essencial para o seu desenvolvimento como ser, um ser pensante capaz de reconhecer seu lugar na sociedade.

Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros (FREIRE, 2011, p. 92).

Por mais que detenha o conhecimento científico, é necessário lembrar que além de tudo somos humanos. “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei” (FREIRE, 2011). Este saber envolve não apenas discorrer sobre determinado conteúdo, é o saber que instiga e indaga o aluno a respeito do que é construído junto com ele, fazendo com que ele pense criticamente, respeitando e fomentando esses saberes o professor consegue com que o aluno se torne mais participativo e assim consiga aprender mais. A segunda questão apresenta o seguinte gráfico:

Gráfico 2: Passaram a ouvir mais os alunos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os achados da pesquisa mostram que 97% dos professores afirmam que depois da formação em Educação Emocional passaram a ouvir muito mais os alunos, enquanto que apenas 3% dos docentes informam que escutam pouco os alunos. Um dado significativo é o de que o Não e o Bastante apresentam 0% dos dados. Atestando que o curso de formação em Educação Emocional contribui para que o professor desenvolva o ato de ouvir mais os alunos.

É importante saber escutar. É escutando que aprendemos a falar com os outros, não apenas com os educandos, mas também com os colegas de trabalho e com todas as pessoas com quem convivemos. Quem escuta de forma paciente e crítica, consegue falar com o outro. Quando se aprende a falar com, você deixa de falar de forma impositiva, assim o professor consegue transformar o seu discurso ao aluno, em uma fala com ele (FREIRE, 2011).

Nos últimos tempos tem se asfixiado a liberdade em nome da democracia e da eficácia. A criatividade o prazer pela aventura, à liberdade de mover-se de arriscar é deixada de lado e é criada uma padronização, onde somos avaliados por tal. “Sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam” (FREIRE, 2011). Rebeldia que faz com que você busque a mudança e não se acomode com o engessamento que é posto, buscando pensar e agir de forma crítica. A prática

educativa que busca a humanização não pode deixar de ser uma constante nas salas de aula.

Não levar em conta a formação integral do homem, reforça o modo autoritário de falar. Esse falar que em uma perspectiva democrática é o falar com, nesse caso não é nem cogitado, com isso é importante à democratização no falar com (FREIRE, 2011). As avaliações pedagógicas de alunos e professores estão assumindo cada vez mais discursos verticais, estes insistem em parecer democráticos. Nós enquanto alunos/professores críticos que somos não buscamos ficar contra estas avaliações e sim resistir aos métodos a qual ela vem sendo realizada.

A questão que se coloca a nós é lutar em favor da com apreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do quefazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o falar *a* com o caminho do falar *com* (FREIRE, 2011, p. 114, grifos do autor).

Neste caminho conseguiremos chegar a um denominador comum, no qual estaremos aperfeiçoando cada vez mais a nossa criticidade sobre os acontecimentos e sobre a maneira na qual falamos e ouvimos o outro.

Contudo, se faz necessário ter a compreensão de que quando temos algo a ser dito nós temos o direito de dizer, mas temos que ter a consciência de que não somos os únicos a ter algo a ser dito. É preciso ter a competência de escutar, pois, quem tem algo a ser dito e não sabe escutar acaba esgotando a sua capacidade de dizer por ter dito demasiadamente e sem ter escutado quase nada. “Por isso é que, acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, *responda*.” (FREIRE, 2011).

O professor precisa motivar o seu aluno a refletir sobre as questões que são postas, assim o educador que preza pela democracia estimula ao aluno a se posicionar sobre as questões pertinentes e assim escuta o silencioso e não o que foi silenciado.

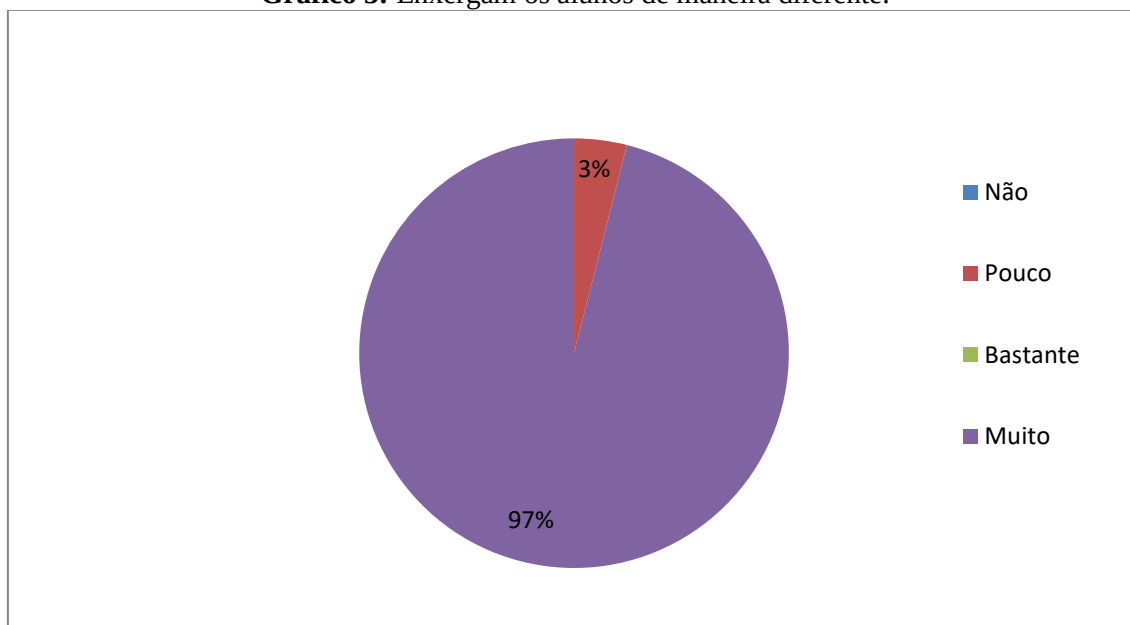
Com o papel de incentivar ao aluno a compreender e que ensinar não é apenas “depositar” conteúdo. Aprender não é memorizar. Ouvir o educando em seus questionamentos, em suas desconfiças na sua incapacidade mesmo que provisória, assim ao escutá-lo eu consigo falar com ele (FREIRE, 2011).

Faz-se necessário respeitar a leitura de mundo do educando, assim poderá compreender a sua curiosidade, este é um dos pontos da produção de conhecimento. A curiosidade que recusa a arrogância científica e adota a humildade crítica. É indispensável

que a escola/professor estimule invariavelmente a curiosidade do educando em vez de “adequá-la” ou “molda-la” (FREIRE, 2011).

Ao ensinar determinado conteúdo devo desafiar o educando para que ele consiga perceber-se como detentor do saber, e assim fazer com que o educando se reconheça como idealizador da sua própria consciência crítica. Com isso separar a prática da teoria é tão errado como tentar separar o pensamento da ação. O que devo fazer é alinhar o ensino do conteúdo (FREIRE, 2011). Assim consigo ensinar como também compreender, exercendo a curiosidade que é imprescindível a construção do conhecimento. Podemos observar a terceira questão no seguinte gráfico:

Gráfico 3: Enxergam os alunos de maneira diferente.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os números da pesquisa mostram que 97% dos professores afirmam que depois da formação em Educação Emocional enxergam os alunos de maneira diferente, enquanto que apenas 3% dos docentes informam que houve pouca mudança na maneira de olhar os discentes. Um dado significativo é o de que o Não e o Bastante apresentam 0% dos dados. Isso mostra que o curso de formação em Educação Emocional colabora para que o professor amplie o seu olhar sobre os alunos.

Paulo Freire fala sobre o querer bem aos educandos e como é preciso estar aberto a este saber. Isto não significa que é preciso querer bem a todos os alunos de maneira

igual, mas, que a afetividade não te assusta e que você não tem medo de expressá-la (FREIRE, 2011).

“A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que, assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo” (FREIRE, 2011). Estar aberto ao querer bem é benéfico tanto na prática docente como nas relações em que me envolvo, contudo o querer bem não deve atrapalhar a minha ética diante do outro, nem tampouco fazer com que eu tome alguma decisão baseado nesse querer bem, que por sua vez me torna mais aberto ao diálogo e assim faz com que eu possa tomar a decisão correta em relação a minha prática docente.

Uma prática educativa afetiva não deixa de lado a formação científica como também não deixa de esclarecer os educadores(as). A prática educativa é afetiva, alegre, tem capacidade científica, domínio técnico a serviço da transformação ou, infelizmente da continuação do que é hoje (FREIRE, 2011). A condição fundante da educação é a inconclusão. Não importa a faixa etária o trabalho é realizado com gente, formando-se, mudando e melhorando, não é inferior ou superior a qualquer outra prática, mas exige ética e responsabilidade.

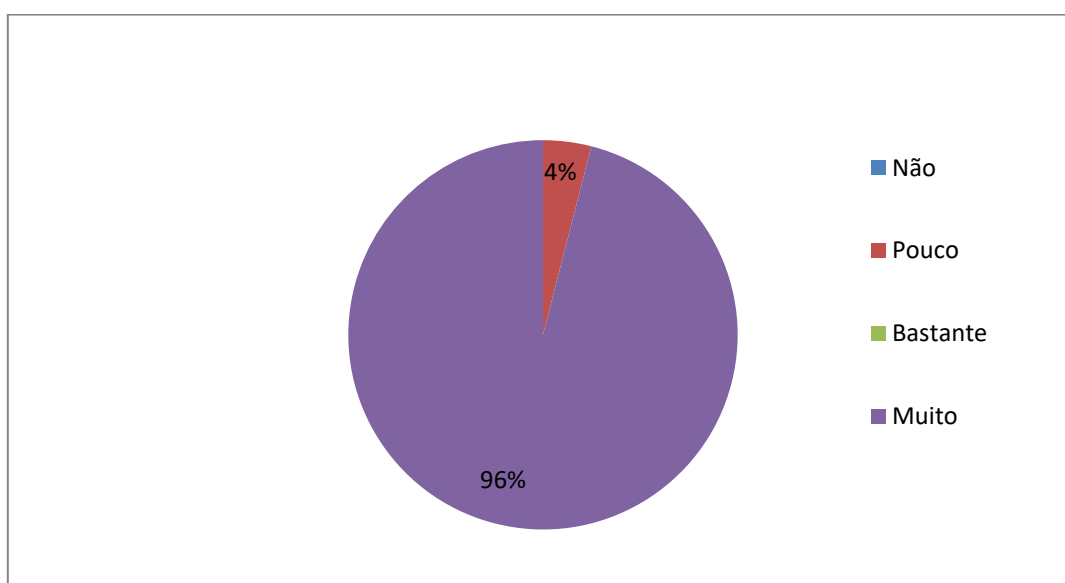
É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (FREIRE, 2011, p. 141).

A prática docente me permite que eu me envolva com os alunos de maneira amorosa, mas, que seja de forma ética com isso eu posso me aproximar, ajudando a superar os seus obstáculos se tornando um ser crítico e capaz de se fazer presente no mundo. Partindo da prática de gente que é inacabada, curiosa e inteligente. Vale a pena lutar contra os obstáculos que nos impedem de “ser mais”, e é com esta percepção de que somos programados para aprender que faz com que a prática educativa seja um exercício fiel para desenvolver a autonomia nos educandos e nos educadores. “Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem

alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos deveriam ser reprimidos por um de ditadura racionalista” (FREIRE, 2011).

A educação antes de tudo é uma prática que vai em direção das relações humanas e toda relação humana é feita de interações, onde devemos levar em consideração a constituição do ser em sua totalidade, olhar para o aluno e perceber que ele é capaz de tornar-se crítico, algo fundamental para termos uma sociedade mais igualitária. Como podemos observar no gráfico abaixo respeitar o saber dos educandos é necessário, assim destacamos assim:

Gráfico 4: Consegue refletir sobre as emoções dos alunos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados da pesquisa mostram que 96% dos professores asseguram que depois da formação em Educação Emocional conseguem refletir sobre as emoções dos alunos, em contrapartida somente 4% dos docentes relatam que pouco refletem sobre as emoções dos alunos. Um dado significativo é o de que o Não e o Bastante apresentam 0% dos dados. A formação em Educação Emocional contribui para que o professor desenvolva a capacidade de reflexão sobre as emoções dos alunos.

É importante respeitar os saberes que os alunos trazem para sala de aula. Respeito esse que deve partir não só do professor, como também da escola como um todo, o saber que é construído no cotidiano deve ser relacionado com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2011).

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (FREIRE, 2011, p. 32).

As disciplinas que os alunos aprendem na sala de aula não devem ser desconexas da vida. O professor que conhece a realidade dos alunos pode fazer com que as disciplinas dialoguem com as carências e as aspirações dos educandos. Com essa relação os alunos terão maior facilidade para aprender os conteúdos, e assim conseguir pensar criticamente, fazendo com que consigam modificar a sua realidade.

“Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos” (FREIRE, 2011). Ensinar exige respeito às curiosidades e as aspirações. Olhar o aluno como um ser capaz de produzir conhecimento é o ponto principal para fomentar o respeito aos alunos.

Paulo Freire destaca a importância de pensar certo, tendo disponibilidade ao risco, a aceitar o novo, este que não deve ser negado ou acolhido apenas porque é novo. “Pensar, por exemplo, que o pensar certo a ser ensinado concomitantemente com o ensino dos conteúdos não é um pensar formalmente anterior *ao* e desgarrado *do* fazer certo” (FREIRE, 2011).

Nesse sentido pensar certo é necessário para realizar uma reflexão sobre a realidade, não devemos ter medo de buscar essa criticidade no pensamento, refletir sobre o que é posto na sala de aula e principalmente na vida é necessário para podermos realizar uma intervenção nas questões que postas em sala de aula através do ensino dos conteúdos.

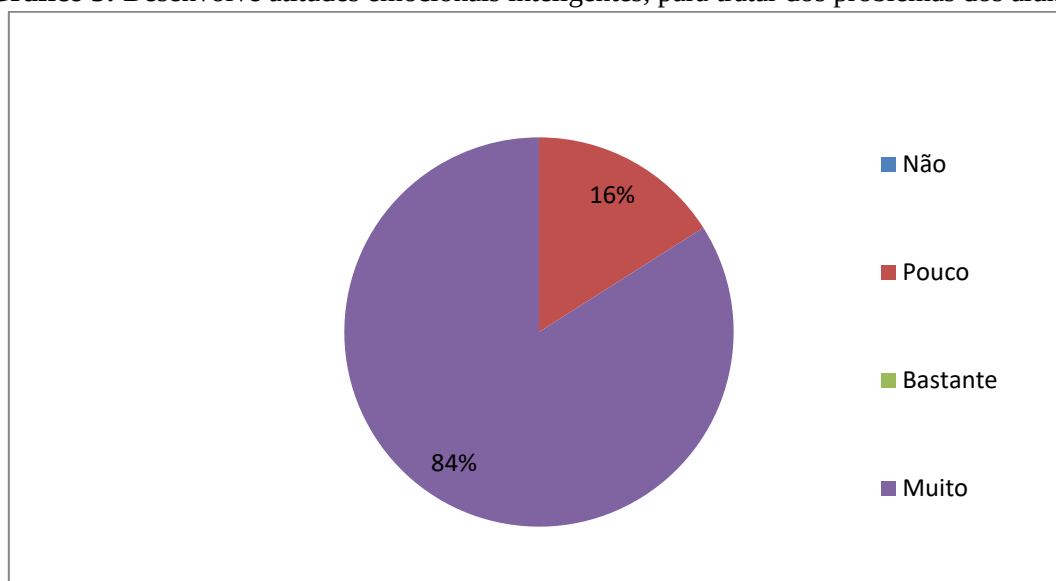
Pensar certo implica a existência de sujeitos que pensam mediados por objeto ou objetos sobre que incide o próprio pensar dos sujeitos. Pensar certo não é *que* – *fazer* de quem se isola, de quem se “aconchega” a si mesmo na solidão, mas um ato comunicante. Não há por isso mesmo pensar sem entendimento e o entendimento, do ponto de vista do pensar certo não é transferido, mas coparticipado (FREIRE, 2011, p. 38, grifos do autor).

Pensar certo não é uma experiência que é tomada por si só, mas é dele que se fala um método que genuinamente se apresenta que vive e faz dele com a força do depoimento. Pensar certo é fazer certo, é ter segurança no argumento é saber divergir do contrário, sem discriminação. Ao professor, resta questionar o educando a produzir seu

entendimento. “A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos” (FREIRE, 2011).

Nesse sentido a reflexão sobre o ambiente escolar e sobre os acontecimentos dentro da sala de aula é de extrema importância, percebendo como o ambiente se encontra, o professor pode traçar o melhor caminho para fomentar o aprendizado na sala de aula. O gráfico a seguir trata das decisões que são tomadas na sala de aula com a finalidade de auxiliar os alunos, como podemos ver a seguir:

Gráfico 5: Desenvolve atitudes emocionais inteligentes, para tratar dos problemas dos alunos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os achados da pesquisa mostram que 84% dos professores afirmam que depois da formação em Educação Emocional conseguem desenvolver atitudes emocionais inteligentes, para lidar com os problemas dos alunos, em compensação apenas 16% dos docentes relataram que pouco conseguiram desenvolver tais atitudes. Um dado significativo é o de que o Não e o Bastante apresentam 0% dos dados. Mostrando o quanto a formação em Educação Emocional é importante no desenvolvimento da capacidade de tomar decisões inteligentes, quando seu aluno apresenta problemas.

A educação como algo especificamente humano é um ato de intervir no mundo. Essas interferências desejam mudar radicalmente a sociedade, o campo, a economia, as afinidades, as características e o ensino. Outras tendem a engessar a História mantendo a organização excludente (FREIRE, 2011).

Estas formas de intervenção, com ênfase mais num aspecto do que noutro nos dividem em nossas opções em relação a cuja pureza nem sempre somos leais. Rara vez, por exemplo, percebemos a incoerência agressiva que existe entre as nossas afirmações “progressistas” e o nosso estilo desastrosamente elitista de ser intelectuais. E que dizer de educadores que se dizem progressistas, mas de prática pedagógico-política, eminentemente autoritária? Não é por outra razão que insisti tanto em Professora Sim, Tia Não, na necessidade de criarmos, em nossa prática docente, entre outras, a virtude da coerência (FREIRE, 2011, p. 107).

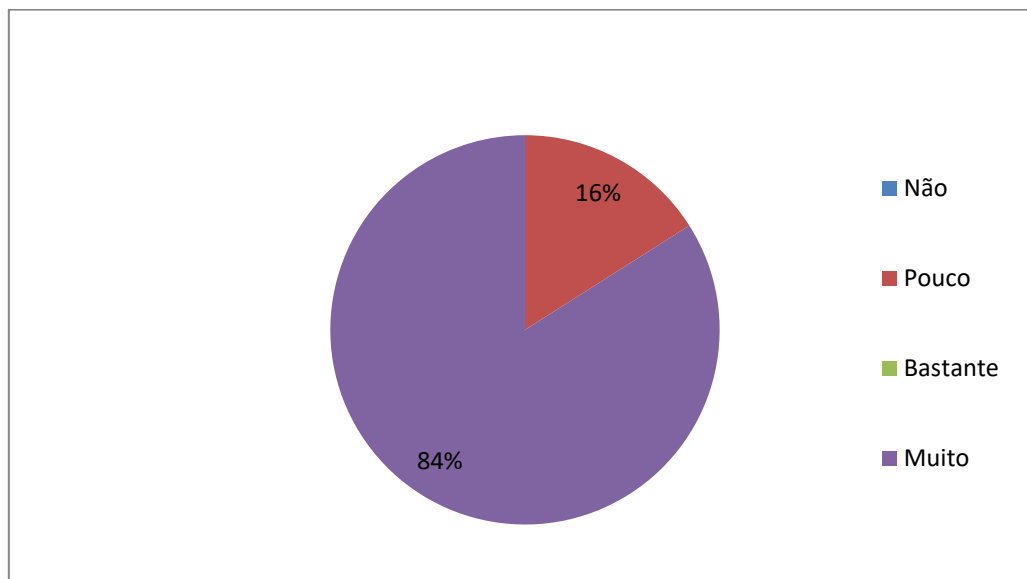
É necessário que o educador compreenda que a educação não pode tudo, mas que determinado fato ela pode, o poder de tornar o discente crítico, capaz de refletir sobre os acontecimentos que o rodeiam. O educador que é crítico na sua ação é capaz de mostrar como modificar o ambiente em que o aluno está inserido, analisando e criando estratégias para fomentar no aluno a capacidade de perceber o mundo como ele é, e assim criar possibilidades de mudança (FREIRE, 2011).

A educação como ação especificamente humana, se direciona aos sonhos, as ideias, utopias e os objetivos, com a qualidade que é inerente a sua natureza (FREIRE, 2011). Sabendo o valor que tem para mudar a realidade, entende que sua vivência na escola é importante e que precisa ser de forma autêntica. “O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar um saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode” (FREIRE, 2011).

Reafirmar ao docente o quanto é importante sua tarefa é necessário. “A professora democrática, coerente, competente, que testemunha seu gosto de vida, sua esperança no mundo melhor, que atesta sua capacidade de luta, seu respeito às diferenças, sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade [...]” (FREIRE, 2011).

Perante essa impossibilidade que é ser neutro na educação, o educador precisa saber que a educação é importante para que as mudanças aconteçam, sabendo que a convivência que ele tem em sala de aula é de extrema importância e que precisa ser legítima. A importância do diálogo com o discente, para que ele consiga estar próximo e assim desenvolver suas capacidades. Como podemos perceber no gráfico a seguir:

Gráfico 6: Percepção da aproximação dos alunos para sanar as dúvidas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os números da pesquisa mostram que 84% dos professores asseguram que depois da formação em Educação Emocional perceberam que os alunos estão mais abertos ao diálogo, em contrapartida apenas 16% dos docentes expõem que pouco perceberam essa mudança nos alunos. Um dado significativo é o de que o Não e o Bastante apresentam 0% dos dados. Salientando o quão é importante à formação em Educação Emocional para desenvolver a habilidade de dialogar com os alunos, e assim poder sanar suas dúvidas.

É importante respeitar ao próximo, com suas diferenças e semelhanças. Enquanto educador não deve deixar de enfatizar aos alunos que é possível discutir e analisar determinados temas sem deixar de expor a opinião, que é possível ter um diálogo (FREIRE, 2011).

Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta à certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer (FREIRE, 2011, p. 132).

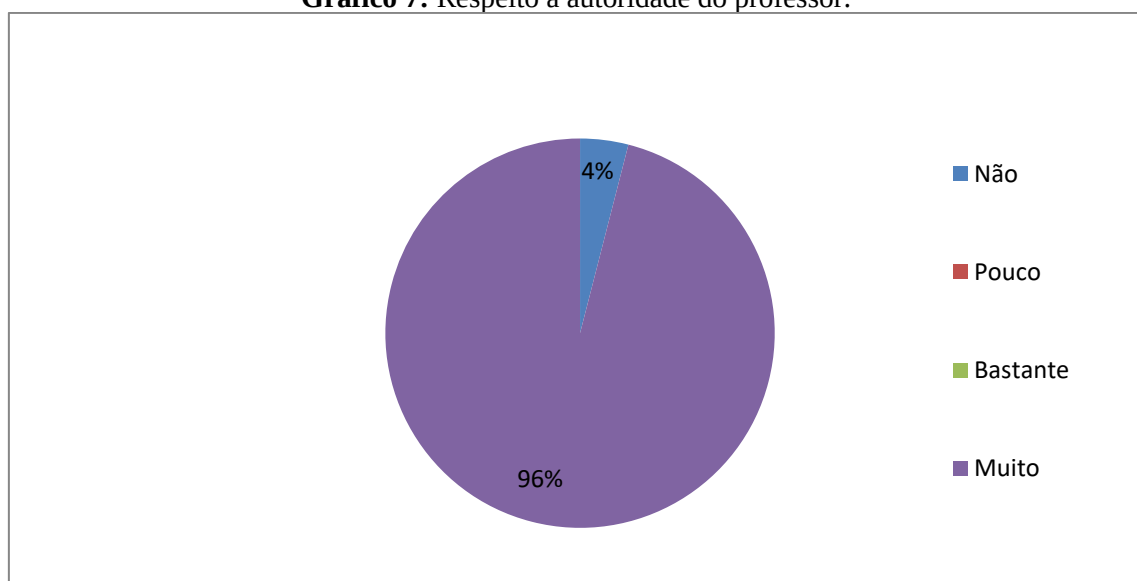
Como educador necessito falar para os alunos com segurança quando falo sobre determinado tema em sala de aula, com a consciência de que não sei de tudo e que estar aberto ao dialogo é uma forma de criar novos conhecimentos, pois, cada um tem o seu saber e esse saber é digno de reconhecimento. Estando aberto ao diálogo eu me torno mais acessível para o aluno e assim reduzo o nível de dificuldade que o aluno tem em sala

de aula, assim ele pode sanar as dúvidas e conseguir construir um conhecimento sólido, ao mesmo tempo o professor aprende junto com ele (FREIRE, 2011). Não ter vergonha de desconhecer algo, de estar disponível, de ser curioso e desafiado, essas coisas estão ligadas diretamente a prática educativa. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 2011).

Conhecer o novo é necessário para você conseguir obter meios para levar o conhecimento de forma prática, se estou aberto ao mundo e aos outros, estabeleço uma relação dialógica. E relacionar a realidade do aluno com o conteúdo didático é necessário para fazer uma reflexão mais profunda. É necessário conhecer e estar aberto a esta realidade, a que a atividade pedagógica está diretamente ligada. O essencial nessa relação é a minha posição ético-política, meu anseio de intervir no mundo (FREIRE, 2011). “No fundo, diminuo a distância que me separa das condições malvadas em que vivem os explorados, quando, aderindo realmente ao sonho de justiça, luto pela mudança radical do mundo e não apenas espero que ela chegue porque se disse que chegará” (FREIRE, 2011).

Vivenciar a realidade, lutar por direitos iguais e fomentar nos alunos a criticidade, assim, eles podem enfrentar os desafios do cotidiano. Atribuindo a eles uma visão de mudança do mundo e de superação das injustiças. O gráfico abaixo discorre sobre o respeito ao professor, como este necessita ter a sua autoridade reconhecida de maneira respeitosa e que possibilite fomentar esta em sala de aula:

Gráfico 7: Respeito a autoridade do professor.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados da investigação indicam que 96% dos professores afirmam que depois da formação em Educação Emocional notam que os alunos estão respeitando mais a sua autoridade, enquanto que apenas 4% dos docentes relatam que não perceberam essa mudança nos alunos. Um dado significativo é o de que o Pouco e o Bastante apresentam 0% dos dados. Paulo Freire fala sobre a liberdade, esta que não está acima de qualquer coisa, a liberdade sem limites não é liberdade.

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome (FREIRE, 2011, p. 103).

Ter liberdade é essencial, mas ter liberdade sem responsabilidade é desnecessário, exercitar a liberdade de forma consciente te torna mais maduro para fazer escolhas certas, tanto na vida pessoal quanto na acadêmica. Contudo, nem sempre a liberdade do adolescente toma a melhor decisão, mesmo assim é preferível que o adolescente tome suas decisões, é tomando decisões que se aprende a definir. (FREIRE, 2011). “Por outro lado, faz parte do aprendizado da decisão a assunção das consequências do ato de decidir. Não há decisão a que não se sigam efeitos esperados, pouco esperados ou inesperados. Por isso é que a decisão é um processo responsável” (FREIRE, 2011).

A autonomia se constrói das experiências e das diversas decisões que vão sendo tomadas, vamos construindo o nosso amadurecimento todos os dias. Não posso aprender a ser eu mesmo se não tomo as decisões. A autonomia é formada dos conhecimentos de diversas decisões que são tomadas. “É neste sentido que um a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”. (FREIRE, 2011). O educador precisa dar certa liberdade ao aluno, mas é necessário mostrar que ele é o professor que é a autoridade na sala de aula, ainda mais em uma época em que os valores estão sendo perdidos e invertidos, essa autoridade não precisa ser demonstrada com autoritarismo, o diálogo e o respeito são os melhores caminhos para construir uma educação que busca o desenvolvimento total do ser (FREIRE, 2011).

A autoridade precisa ser posta como algo bom, algo que torne a educação mais acessível, o aluno pode contar com o professor para construir junto com ele as

especificidades da educação e assim tornar-se um ser mais crítico e consciente diante das questões que são postas para ele no decorrer da sua vida, seja ela dentro ou fora da escola.

Todos/as os/as participantes se disponibilizaram para colaborar com a pesquisa. Atribuindo a vontade de contribuir para que a Educação Emocional possa ser uma ferramenta de mudança dentro da sala de aula. Um meio para tornar a educação mais humanizada. Tendo consciência de que o resultado da pesquisa será útil para ratificar a importância de uma educação com um viés humanizador.

O curso de Educação Emocional no município de Queimadas/PB colabora para que o docente desenvolva capacidades e assim possa olhar para o discente, conseguindo compreender os seus anseios. Com o curso os educadores conseguem ter atitudes que aproximam o discente dele, ter autoridade não é ser rígido é conseguir fazer com que o aluno possa se aproximar. O curso de educação emocional proporciona essa aproximação e contribui para que o professor consiga olhar os educandos com respeito, baseado em relações éticas transforma o espaço pedagógico e faz esse espaço ser um espaço formador do ser. Respeitando o aluno, o professor consegue tornar a sala de aula agradável e assim fomentar a criatividade dos alunos.

Estão ouvindo mais os discentes. É adquirindo esta capacidade que aprendemos a falar com os outros, não exclusivamente com os alunos, mas, com todos os que nos rodeiam. Escutar de forma paciente e crítica permite falar com o outro de maneira assertiva, aprendendo a falar com, você deixa de falar para, assim o professor consegue alterar a sua fala ao aluno, em uma fala com ele.

Em querer bem aos alunos e como estar aberto a este saber é importante. Isto não significa que é preciso querer bem a todos os alunos de maneira igual, mas, que isso não te assusta e que você não tem receio de expressá-la. Estar aberto ao querer bem é benéfico tanto na prática docente como nas relações em que estou, mas, este não deve atrapalhar a minha moral, como também não devo tomar decisões com base nesse querer bem, o qual me torna mais aberto ao diálogo fazendo com que eu tome a decisão certa em relação a minha prática.

O quanto é importante respeitar os saberes que os alunos trazem para sala de aula, respeito que deve partir da escola como de um modo geral e não apenas partir do professor. O saber que é obtido no dia a dia deve ser relacionado com o ensino dos conteúdos, o professor conhecendo a realidade dos alunos consegue fazer um diálogo entre as disciplinas e os anseios dos educandos. Assim facilitando o aprendizado dos

alunos, fazendo com que eles pensem criticamente e assim possam modificar a sua realidade.

Respeitando a autonomia que é construída através das experiências e das diversas decisões que são tomadas, assim amadurecemos todos os dias. O educador necessita dar certa liberdade ao aluno, uma liberdade que mostre a sua capacidade de decisão, o diálogo e o respeito são os melhores caminhos para estabelecer uma educação que busca o desenvolvimento total do ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a educação em uma perspectiva humanizadora se faz necessário diante de uma sociedade que anseia pela melhora na sua condição de vida. Com o mundo globalizado e em avanço constante, revela-se um novo perfil de estudantes que se mostram mais curiosos, trazendo um desafio para o trabalho docente e exigindo uma avaliação crítica da realidade em que este está inserido, com o intuito de contribuir para a sua melhoria.

Neste estudo, a humanização é entendida como processo contínuo de evolução, compreensão dos direitos e deveres do cidadão, do saber ouvir, do querer bem, da reflexão crítica, da disponibilidade para o diálogo, do respeito e da liberdade. Caracteriza-se como uma competência que se desenvolve através da interação com pessoas, assim mobilizando para “ser mais”.

Na humanização, que passa por uma evolução interior, você busca ser uma pessoa melhor, reconhecendo o outro como igual, agindo com tolerância, com cuidado, afeto e amor, tendo a consciência de que todos têm anseios e qualidades que são próprias do ser humano. Com isso, pode-se construir uma sociedade mais igualitária e, sobretudo, ter uma base verdadeiramente humana. Tendo como meta buscar o que seria “ser-mais”, a humanização mostra-se como inegável, devendo existir. Conhecer mais e de forma mais crítica a sua realidade é a forma que poderá buscar uma transformação desta (FREIRE, 1969).

A educação emocional entra como suporte para fazer essa humanização na sala de aula. Falar sobre afeto e emoção na escola é discutir elementos que permeiam a relação professor e aluno. Com isso, é comum afirmar que “o aluno se desenvolve mais quando o professor é afetivo” ou que “o professor que tem atitudes mais afetivas aproxima-se mais do aluno, facilitando a aprendizagem” (GONSALVES, 2015).

A educação emocional é desenvolvida a partir da convicção das pessoas que querem por em prática, apontando argumentos sobre a sua necessidade e a sua importância (BISQUERRA, 2016). Olhar para a Educação Emocional é fazê-la como algo indispensável quando falamos do crescimento da pessoa, como forma de educar visando o desenvolvimento total do ser, não apenas focando o cognitivo, mas também no desenvolvimento por completo da pessoa, no desenvolvimento de sua criticidade e da consciência do ser.

A Educação Popular é uma educação que combate às diversas maneiras de opressão que são postas pela sociedade. Refletir sobre a origem desta prática social educativa nos faz rever diversos processos na sociedade globalizada, tais como a construção de especificidades educativas junto a grupos subordinados, assim redirecionando os saberes dos grupos que são excluídos, construindo uma ação educativa (MEJÍA, 2002).

O estudo da educação emocional e da humanização me permite, como pesquisador, entender que a educação emocional como processo de transformação do ser é essencial nesse processo; uma educação que leva a aprender a lidar com as suas emoções de maneira que possam ser benéficas para você e para quem convive ao seu redor, juntamente com o processo de humanização, que é uma construção paulatina dentro da sala de aula.

Você passa a ser mais humano quando começa a olhar para o outro com cuidado, quando passa a ouvir e a falar com o outro, a se colocar no lugar do outro e assim entender a realidade de cada indivíduo. É preciso romper com os estigmas que permeiam o processo de ensino-aprendizagem e o caminho para isso deve ser o campo de investigação da Educação, especialmente da Educação Popular, com toda a sua história de lutas e de resistência que sempre busca a emancipação do ser.

Entendendo que toda pesquisa tem seu limite, quando se trata de uma pesquisa que tem certo grau de complexidade, tendo em vista a bibliografia escassa, principalmente quando falamos de Educação Emocional e do Processo de Humanização, faz-se necessário entrar em diferentes investigações que possam aprofundar a discussão proposta, assim possibilitando explorar lacunas que foram deixadas como: Quais emoções estão mais presentes na sala de aula, que possibilitam a promoção da humanização?

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Da luta às políticas de educação do campo: caracterização da educação e da escola do campo**. In: FIGUEIREDO, João B. de A.; VERAS, Clédia I. M.; LINS, Lucicléa T. (Organizadores). Educação Popular e movimentos sociais: experiências e desafios. Fortaleza, Imprece, 2016.

_____. **Educação do campo: um paradigma classista de educação**. In: DIAS, Adelaide Alves; MACHADO, Charlinton J. dos Santos; NUNES, M. Lúcia. da Silva. (Org.). Educação, direitos humanos e inclusão social: currículo, formação docente e diversidades socioculturais. 1 ed. João Pessoa/PB: Editora Universitária UFPB, 2009, v. 1, p. 207-225.

BISQUERRA, R. **La ducación emocional em la formación del professorado**. In: Revista Interuniversitária de Formación del Profesorado. v. 19, n. 3, 2005. p. 95-114.

_____. Educação emocional. **Documento inédito elaborado para las I Jornadas del Máster en Resolución de Conflictos en el Aula**. Espanha: 2016.

_____. **Educación emocional y bienestar**. Barcelona: Práxis, 2000.

CRESWELL J. W. Cinco abordagens qualitativas de investigação. In: **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

COSTA, M. O. RABELO, J. O. MARTINS, B. T. de S. **Por uma educação humanizada**. 2015. Disponível em: <<https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1202>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

COSTA, M. R. J. **Educação física para humanização da educação profissional e tecnológica: um estudo no RS**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2009.

DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DELORS, J. (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

_____. O papel da educação na humanização. In: **Revista Paz e Terra**. n. 9, 1969. p. 123-132.

FLICK, U. Pesquisa qualitativa: por que e como fazê-la. In: **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Artmed, 2009. p. 20-38.

GATTI, B. ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil. In: WELLER, W. PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, Vozes, 2011. p. 29-38.

GONSALVES, E. P. **Educação e emoções**. Campinas: Alínea, 2015

GONSALVES, Elisa Pereira; LIMA, Francisca Alexandre. **O Livro das Emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira; LIMA, Francisca Alexandre. **Por uma educação emocional**. In: GONSALVES, Elisa Pereira.; LIMA, Francisca Alexandre (Orgs.). O Livro das Emoções: uma abordagem neurofisiológica, comportamental e educativa dos estados emocionais. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ITELVINO, L. da S. Reflexões sobre a ética e a sua presença nos cursos de administração de empresas. In: **Cadernos de Pós-Graduação – Educação**. v.5, n. 1, 2006. p. 173-184.

JESUS, J. M. **A formação política dos professores no programa rede UNEB 2000**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado da Bahia. Salvador: 2005.

JOIA, O. PIERRO. M. C. Di. RIBEIRO. V. M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. In: **Cadernos Cedes**. n. 55, 2001.

LANKSHEAR, C. KNOBEL, M. Panorama da coleta de dados na pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre, Artmed, 2008. p. 149-167.

_____. Coleta de dados verbais na pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre, Artmed, 2008. p. 168-186.

LAPERRIÈRE, A. A teorização enraizada (grounded theory): procedimento analítico e comparação com outras abordagens similares. In: POUPART J, DESLAURIERS JP, GROULX LH, LAPERRIÈRE A, MAYER R, PIRES A. P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008. p. 353-409.

LEITÃO, E. S. S. **A prática pedagógica docente na perspectiva da humanização em Paulo Freire na EJA de Olinda**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2015.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

LOPES, A. C. F. Queimadas: seu povo sua terra – 4ª Edição. Ver. Ampl. \Antônio Carlos Ferreira Lopes. Queimadas-PB: Cópias e Papéis, 2010.

MACHADO, E. F. **Afetividade na formação docente:** a relação professor aluno como processo humanizador. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Pará. Belém: 2007.

MASSONI, N. T. MOREIRA, M. A. **Pesquisa qualitativa em educação em ciências:** projetos, entrevistas, questionários, teoria fundamentada, redação científica. São Paulo: Livraria da Física, 2017.

MEJÍA J, M. R. Aprofundar na educação popular para construir uma globalização desde o Sul. In: **Revista Internacional Fe Y Alegría**. n. 3. 2002. p. 205-211.

MEDEIROS, A. Humanização *versus* desumanização: reflexões em torno da pedagogia do oprimido. In: **Revista Reflexões**. n. 3, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social** – teoria, método e criatividade. Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

NOSELLA, P. Ética e pesquisa. In: **Educ. Soc.** v. 29, n. 102, 2008. p. 255-273.

NUNES, C. E. de C. **As tecnologias de informação e comunicação e a aprendizagem de educadores no devir da complexidade**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2010

OLIVEIRA, N. R. C. de. **O currículo dos cursos de graduação em fisioterapia: a dimensão humana em análise**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí: 2009.

PALUDO, C. Educação popular: dialogando com redes latino-americanas. In: **Revista Internacional Fe Y Alegría**. n. 3. 2003. p. 40-60.

POSSEBON, E. G. **O Universo das emoções:** uma introdução. João Pessoa: Libellus, 2017.

_____ **Educação Emocional:** aplicações. João Pessoa: Libellus, 2017.

RIFFEL, M. J. **A ordem da humanização do parto na educação da vida**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2005.

SANTOS, J. L. et al. **Perspectivas metodológicas para o uso da teoria fundamentada nos dados na pesquisa em enfermagem e saúde**. In: Escola Anna Nery. v. 20, n. 3, 2016. p. 1-8.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, H. P. M. **Utilização de software no processo de humanização em unidade hospitalar**. Dissertação (Mestrado em Saúde). Universidade Federal de Fortaleza. Fortaleza: 2007.

SOUZA, João Francisco. **E a educação popular?? Que?? Uma Pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro**. Recife: Bagaço, 2007.

STAKE, R. E. Pesquisa qualitativa: como as coisas funcionam. In: **Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre, Penso, 2011. p. 21-45.

STRECK, D. R. **José Martí e a educação popular: um retorno às fontes**– UNISINOS – dstreck@unisinos.br, GT: Educação Popular / n.06 Agência Financiadora: CNPq, 2008.

TARGAS, K. M. **“Canções, diálogos e educação: uma experiência em busca de uma prática escolar humanizadora”**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos: 2009.

TRENTIN, L. R. A. **Humanização: o futuro da humanidade**. Brasil Escola. s/d. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/religiao/humanizacao-futuro-humanidade.htm>>. Acessado em: 3 fev. 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, Atlas, 1987.

TONIOLO, J. M. S. de A. HENZ, C. I. **Os processos de humanização na formação e na prática de professores**. Projeto de pesquisa do Curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional, 2014.

VENDRAMINI, Celia R. A educação do campo na perspectiva do materialismo histórico dialético. In: COUTINHO, A. F. **Diálogos sobre a questão da Reforma Agrária e as políticas de Educação do campo**. São Luis: Edufma, 2009.

YIN, K. R. O que é pesquisa qualitativa – e por que você cogitaria fazer este tipo de pesquisa? In: **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre, Penso, 2016. p. 5-21.

ZIMMERMANN, M. H. **A bioética na formação do profissional enfermeiro: contribuições para um cuidado mais humanizado**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba: 2006.

MINAYO, M. C. de S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. In: **Revista Pesquisa Qualitativa**. v. 5, n. 7, 2017. p. 1-12.

SOBRE O AUTOR

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Graduado em Pedagogia pela UFPB. Atuou no Programa Escola que Protege e é coautor em várias cartilhas sobre Educação Emocional, dentre elas, “Prevenção à Violência”. Integra o Núcleo de Educação Emocional do Centro de Educação (NEEMOC-CE-UFPB), na condição de pesquisador, dedicando-se ao estudo das práticas de educação emocional nas escolas públicas, na Paraíba. Possui publicações especializadas na área de Educação Emocional como artigos sobre Felicidade e Bem-estar subjetivo, Possessividade e Vingança. Atua como assistente no Programa Vivência Emocional (PROVE) e possui experiência na organização de eventos especializados na área da educação. É Editor chefe da Libellus Editorial.



CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-coordenadora

Taísa Caldas

Equipe editorial

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonsalves

Fabricao Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Secretaria editorial

Maria Emanuela Lima

Dedjany Delgado

